

02 REFERÊNCIAS ELOGIOSAS

03 EDITORIAL

04 AGENDA NOTICIOSA

- 04 Aniversários:
 04 Dia da Unidade Nacional de Trânsito
 07 Cerimónia de Cessação de Funções do Tenente-General Luís Francisco Botelho Miguel
 09 Tomada de Posse do Comandante-Geral da GNR
 18 A Guarda Nacional Republicana Está de Luto
 26 39.º Curso de Formação de Sargentos
 27 Tomada de Posse do 2.º Comandante-Geral e Inspetor da Guarda
 28 Tomada de Posse do Comandante Operacional da GNR
 29 1.º Curso de Biossegurança em Ambiente Lar
 30 Condecoração de Militar da GNR Além-Fronteiras
 31 Tomada de Posse do Comandante da Escola da Guarda
 33 Condecoração do Coronel D. António Santiago da Guarda Civil de Espanha
 35 Cerimónia de Imposição da Medalha de D. Nuno Álvares Pereira ao Capelão-Chefe da GNR, Coronel Agostinho Freitas
 37 Cerimónia de Atribuição do «Prémio Ação de Comando General Farinha Beirão» e do «Prémio Valor, Abnegação e Altruísmo»

41 TEMA DE CAPA

41 Comando Territorial de Viana do Castelo

69 CONHECER

69 Angola – Luanda – 95/97 GNR – ONU – UNAVEM III



Comando Territorial de Viana do Castelo

Ficha Técnica

Comando-Geral da GNR, Largo do Carmo - 1200-092 Lisboa; Tel.: 213217354/294 - Fax 213217159;

NIPC: 600008878 **E-mail geral:** revista@gnr.pt;

Diretor: Carlos Manuel Pona Pinto Carreira, coronel de Administração Militar

E-mail: revista.direccao@gnr.pt **I Redação e Edição:**

Comando-Geral da GNR, Largo do Carmo, n.º 32, 1200-092 Lisboa **Redação:** Paulo Guedelha, primeiro-sargento de Cavalaria; Cláudio Alexandre, guarda-principal de Infantaria **I Serviços Administrativos:**

António Lourenço, cabo-chefe de Cavalaria; Carla Almeida, cabo de Infantaria; José Rasteiro, cabo de Infantaria **I Revisão Ortográfica:** Vasco Zacarias, cabo de Infantaria **I Fotografia:** Arquivo da Revista, Autores e Secção de Audiovisuais da GNR **I Execução**

Gráfica: Núcleo de Apoio Gráfico GNR, Rua Padre Adriano Botelho, n.º 1, 1300-436 Alcântara. **I Tiragem:** 2.800 Exemplares. Depósito Legal N.º 26875/89. ISSN: 1645-9253. Preço Capa: € 1,20; Assinatura Anual: € 6,00; Ano XXXII - N.º 127 - julho - setembro de 2020. Publicação Trimestral.

Estatuto Editorial: Compete à Revista da Guarda veicular formação, informação e cultura a todos os militares e promover a divulgação da imagem e identidade institucional da Guarda.

Os artigos assinados manifestam a opinião dos seus autores e não necessariamente um ponto de vista oficial. No ano de 2012 entraram em vigor as normas constantes do Acordo Ortográfico. A Revista da Guarda, atendendo aos muitos artigos em carteira e às opções dos seus autores, vai progressivamente implementando as novas normas, coexistindo as duas formas de escrita. Apelamos, por isso, à compreensão dos nossos leitores.

Referências Elogiosas

«Exmo. Senhor Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, Tenente-General Rui Manuel Carlos Clero, o Observatório Internacional de Direitos Humanos (OIDH) tem a honra de felicitar todos os militares da Guarda Nacional Republicana, pelo extraordinário, valoroso, imprescindível e destacável trabalho que têm vindo a desenvolver a nível nacional, sendo de realçar a especial atenção que têm vindo a manifestar para com os idosos, uma das classes mais vulneráveis da nossa sociedade.

O OIDH tem vindo a acompanhar, com muita atenção, todo o empenho que as mais variadas entidades têm dedicado nestes últimos tempos às populações, no pós-surgimento do COVID-19, sendo essa Guarda uma das Instituições visadas neste âmbito.

O OIDH aproveita o ensejo para endereçar calorosas felicitações a V. Exa. pela tomada de posse na qualidade de comandante-geral da Guarda, fazendo votos do maior sucesso no desempenho do alto cargo a que foi chamado a desempenhar.

É desejo do OIDH que a Guarda Nacional Republicana se saiba manter como uma “Força Humana, Próxima e de Confiança”, assim como, se saiba afirmar, aos mais variados níveis, como instituição credível que é.

É pertinente dar a conhecer a V. Exa. a missão do OIDH: contribui para a Erradicação da Extrema Pobreza e da Fome, Apoia o Doente, Promove a Paz e Facilita a Reconciliação entre os Povos.

O OIDH encontra-se substancialmente “apoiado” nas Forças Armadas de Portugal, desde a sua fundação, tendo merecido um incondicional apoio dos respetivos CEM de cada um dos Ramos, bem como de todos os CEMGFA, além dos respetivos Órgãos de Soberania deste país que desde sempre têm apoiado o OIDH, acompanhando simultaneamente o seu trabalho através de relatórios circunstanciados da sua atividade e das ações mais relevantes.

É ainda de referir que, num futuro mais “longínquo”, em seu devido tempo, o OIDH ficará na íntegra a ser tutelado pelas Forças Armadas de Portugal, decisão já tomada e assumida perante todos os Órgãos de Soberania. Com a mais Elevada Estima e Consideração, apresento os meus mais sinceros e respeitosos cumprimentos,

Luís Eduardo Afonso Andrade.
Presidente do OIDH.»

«Exmo. Senhor Comandante da Guarda Nacional Republicana,

venho, junto de V. Exa., prestar os meus agradecimentos e elogiar o trabalho dos militares da Guarda Nacional Republicana, em especial ao sargento-ajudante Ramos, ao cabo Tavares, ao cabo Marques e ao guarda Lourenço, do Núcleo de Proteção Ambiental (SEPNA) da Guarda Nacional Republicana, do Destacamento Territorial de Idanha-a-Nova, Distrito de Castelo Branco.

Bem-haja pela forma humana e sensível prestada no atendimento telefónico e bem assim pela rápida intervenção na resolução da situação que apresentei junto do citado Posto.

Na sequência de um contacto telefónico que efetuei junto do referido Posto, a informar da existência de um terreno, sito na Rua Nova em Toulões, no Concelho de Idanha-a-Nova e Distrito de Castelo Branco, cujo lote se encontrava repleto de gestão de combustível de grandes proporções e consequentemente colocava em perigo pessoas e bens, e naturalmente trazia uma preocupação constante, fui elucidada de que aquela autoridade policial iria resolver a situação no mais curto espaço de tempo possível, aumentando o sentimento de segurança da população residente naquela localidade.

De facto, decorridos poucos dias após o mencionado contacto telefónico, pude constatar que o terreno havia sido desmatado/limpo, pelo que presto os meus sinceros agradecimentos e reconhecimento, pelo profissionalismo e empenho no serviço prestado.

O meu muito obrigada.
Anabela Portugal Brito.»



O tema de capa da terceira Revista do ano de 2020 é dedicado ao Comando Territorial de Viana do Castelo, que comemorou, durante o ano de 2019, os 100 anos da chegada da Guarda Nacional Republicana à cidade apodada de princesa do Lima.

O distrito minhoto de Viana do Castelo tem uma área de 2 221 km² e uma população residente de 244 836 habitantes, estando atribuída à Guarda Nacional Republicana a responsabilidade pelo policiamento de 2.188 km², 98,5% da área, 204 das 208 freguesias, e o equivalente a 82,9% da totalidade da população residente.

Esta Unidade atribui grande importância e especial cuidado à segurança física e rodoviária de pessoas e bens, com a grande afluência de pessoas à sua zona de acção, desde as praias - Operação Verão Seguro, aos festivais de Vilar de Mouros e de Paredes de Coura, passando por eventos gastronómicos como a Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço e a Feira do Alvarinho de Monção; e as romarias como a Feira Anual de Todos os Santos, e a Romaria de São João d'Arga, sendo obrigatório mencionar as Festas da Senhora da Agonia, Santa da devoção dos pescadores de Viana.

Com uma presença secular nesta cidade, a Guarda soube sempre adaptar-se e acompanhar a evolução da sociedade, da vivência e das idiossincrasias das gentes do Alto Minho,

honrando a memória de todos quantos, desde 1919, tanto se sacrificaram à causa da segurança de pessoas e bens, da paz e tranquilidade pública de Viana do Castelo.

Acreditando na prossecução deste legado, os vianenses podem continuar a contar com os militares da Guarda Nacional Republicana, que continuarão, por certo, a manter viva a sua divisa «VIGILÂNCIA ASSÍDUA E FIRME».

Nesta Revista pomos em evidência a tomada de posse, no dia 15 de Julho, de S.Exa. o Tenente-General Rui Manuel Carlos Clero como Comandante-Geral da GNR, numa cerimónia que se realizou no Salão Nobre do Ministério da Administração Interna, presidida por S. Exa. o Primeiro-Ministro, Dr. António Costa, e que contou com a presença de S. Exas. o Ministro da Administração Interna, Dr. Eduardo Cabrita, e o Ministro da Defesa, Dr. João Gomes Cravinho, bem como de outros membros do governo, e representantes militares e civis de várias entidades.

Na mesma senda, destacamos, no dia 24 de Julho de 2020, as tomadas de posse de S. Exas. o 2.º Comandante-Geral e Inspetor da GNR, Tenente-General Nuno Augusto Teixeira Pires da Silva; e do Comandante Operacional, Tenente-General Jose Manuel Lopes dos Santos Correia, em cerimónia presidida por S. Exa. o Comandante-Geral, contando com a presença de uma delegação de Oficiais, Sargentos, Guardas, Guardas-Florestais e Funcionários Civis.

Pomos em destaque, por ter cessado as suas funções na nossa Instituição, a condecoração do Capelão-Chefe da GNR, Coronel Agostinho Rodrigues Freitas, com a Medalha de D. Nuno Álvares Pereira – Mérito da GNR, 1.ª Classe.

Por último, damos relevo, à cerimónia de atribuição do «Prémio General Farinha Beirão» e do «Prémio Valor, Abnegação e Altruísmo», tendo recebido o «Prémio General Farinha Beirão», os Sargentos-Ajudantes Luís Miguel Sobral Robles, Comandante do Posto Territorial de Odemira, e Rui Alexandre Melo Pimentel, Comandante do PT de Ponta Delgada. Foram galardoados com o «Prémio Valor, Abnegação e Altruísmo» o Sargento-Ajudante Telmo Paulo Moreira de Almeida Jorge, o Cabo-Chefe Luís Manuel Amaral Almada, o Cabo-Chefe Miguel Jose Sousa Dias Belchior, e o Guarda João Pedro Cortesão Salgado, do Comando Territorial de Lisboa; e os Guardas Henrique Miguel Sim Sim Grilo e Miguel Ângelo Costa Antunes, do CT de Faro.

Terminamos, com a condecoração do Coronel D. António Calzado Santiago, ao cessar as suas funções de Oficial de Ligação da Guarda Civil espanhola junto da GNR e de Conselheiro do Interior da Embaixada de Espanha em Portugal, com a Medalha de Serviços Distintos de Segurança Pública, Grau Ouro.

Quartel do Carmo, Lisboa, 23 de Outubro de 2020.

O Director da Revista

Carlos Manuel Pona Pinto Carreira

CM

Carlos Manuel Pona Pinto Carreira
Coronel

Aniversários

Dia da Unidade Nacional de Trânsito



A Unidade Nacional de Trânsito (UNT) assinalou o seu Dia da Unidade no dia 1 de julho, na sede da UNT, Sala Coronel Giacomino Ferrari, com uma cerimónia solene, alusiva à comemoração dos seus 11 anos de existência.

Na cerimónia foram impostas condecorações e homenageados os militares já falecidos no cumprimento da missão.

No âmbito da celebração do aniversário da UNT, foi efetuada uma operação de fiscalização, empregando balanças e cinemómetros, incidindo a fiscalização em veículos pesados de mercadorias. Nesta operação foi também efetuado controlo de velocidade nas zonas de ação dos Comandos Territoriais de Aveiro, Coimbra e Leira, onde se verifica um grande fluxo rodoviário.

Durante a efeméride, o Exmo. comandante da Unidade Nacional de Trânsito, coronel João Carlos Redol Lourenço da Silva, proferiu o seguinte discurso:





«Oficiais, Sargentos e Guardas da Unidade Nacional de Trânsito,

Camaradas, no patrulheiro, em vós, reside a essência da Unidade.

Já vos disse que esta é uma oportunidade para aumentar a nossa resiliência e capacidade de aprender a fazer diferente e melhor.

As dificuldades resultantes das inúmeras solicitações com que diariamente temos vindo a ser confrontados, deverão, antes demais, de ser consideradas como desafios a vencer e depois, como um estímulo para fazer sempre melhor.

Aqui reside a nossa capacidade de sermos maiores. Recuar perante as dificuldades não é, definitivamente, um atributo das mulheres e dos homens que servem a Guarda e o país, na Unidade Nacional de Trânsito.

Exorto-vos a continuar a melhorar as vossas capaci-



PELA LEI E PELA GREI

dades e competências, a combater a indiferença e a manter uma atitude profissionalmente responsável, nomeadamente através do exemplo.

Só assim, podeis contribuir para o reforço da confiança e do respeito dos cidadãos, e para o prestígio da nossa Unidade, da Guarda e das instituições democráticas.

Se o passado pode explicar a nossa postura no presente, é o futuro que nos move. E o futuro, camara-das, é vosso.

Temos de estar prontos para ir ao encontro do que o país de nós espera e não defraudar expectativas.»



Cerimónia de Cessação de Funções do Tenente-General Luís Francisco Botelho Miguel



No dia 14 de julho de 2020, realizou-se a Cerimónia de Cessação de Funções do tenente-general Luís Francisco Botelho Miguel, comandante-geral da Guarda Nacional Republicana.

A cerimónia decorreu nos trâmites habituais e protocolares, e contou com a alocução do 2.º comandante-geral, a assinatura no Livro de Honra da Guarda, o descerrar do quadro-memória na galeria de comandantes-gerais da Guarda Nacional Republicana e suas antecessoras, com a entrega da lembrança institucional e ainda com uma alocução do comandante-geral cessante:

«No dia de hoje, termino o exercício de funções como comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, cargo que ocupei durante mais de dois anos, com um misto de orgulho e honra.



PELA LEI E PELA GREI

Orgulho nas mulheres e homens que, pertencendo a esta secular Instituição, no seu dia-a-dia dão o melhor de si, algumas vezes com o sacrifício da própria vida, ao serviço dos portugueses e do País, com probidade e entrega totais.

Honra pelo sentimento do dever, da dignidade e de justiça que diariamente se vai cimentando com valores orientadores na consolidação e reconhecimento da Guarda, como Instituição humana, próxima e de confiança.

Saio com o sentimento do dever cumprido, mas, em simultâneo, consciente de dívida para com todos quantos com a sua entrega, firmeza, determinação, rigor e consistência contribuíram para a Guarda que faz *jus* ao seu lema “Pela Lei e Pela Grei”.»



Tomada de Posse do Comandante-Geral da GNR



PELA LEI E PELA GREI

Pela manhã do dia 15 de julho de 2020, S.Exa. o tenente-general Rui Manuel Carlos Clero tomou posse como comandante-geral da GNR, numa cerimónia que se realizou no Salão Nobre do Ministério da Administração Interna, presidida pelo primeiro-ministro, Dr. António Costa, e que contou com a presença do ministro da Administração Interna, Dr. Eduardo Cabrita, que conferiu posse, do ministro da Defesa, Dr. João Gomes Cravinho, bem como de outros membros do governo, de representantes militares e civis de várias entidades e também da GNR.

Na tarde do mesmo dia, recebido por uma representação de Oficiais, Sargentos, Guardas, Guardas-Flo-

restais e funcionários civis, na Sala General Afonso Botelho, salão nobre do quartel do Carmo, o novo comandante-geral presidiu à cerimónia militar de tomada de posse, em que foi lido o despacho de nomeação pelo chefe da Secretaria-Geral da Guarda, tendo depois recebido o Estandarte Nacional da GNR, que simboliza o início do seu Comando, bem como as estrelas douradas de comandante-geral das mãos do comandante operacional. Nesse seguimento, dirigiu-se, pela primeira vez, enquanto comandante-geral, a todo o efetivo da Guarda, proferindo a alocução que abaixo se transcreve:

«Meus Generais, Senhores Oficiais, Sargentos, Guar-



das e Civis da Guarda Nacional Republicana, Minhas Senhoras e Meus Senhores, porque a Guarda está de luto, à semelhança do que aconteceu esta manhã, na cerimónia no Ministério da Administração Interna, as minhas primeiras palavras são de consternação e dor.

De consternação e dor em memória de dois dos nossos.

Da cabo Vânia Martins e do guarda Carlos Pereira que faleceram, vítimas do aparatoso acidente ocorrido na semana passada, e nos deixaram prematuramente.

Manifesto, por isso, o meu apreço às famílias de todos os militares, pelo papel determinante que desempenham diariamente, no apoio e na compreensão de quem jurou, “como português e como militar, guardar e fazer guardar a Constituição e as leis da República (...), mesmo com o sacrifício da própria vida”.

Esta entrega incondicional ao serviço da Pátria, representa o temperamento da Guarda e dos seus militares, que com bravura e lealdade, expressam a dádiva suprema do sacrifício da própria vida, em razão da missão.

Camaradas,

Constitui para mim um singular privilégio assumir o cargo de comandante-geral da Guarda Nacional Republicana.

Ciente do momento em que tomo posse, abraço este desafio com o mais elevado sentido do dever, em prol da causa pública, no seguimento de um percurso com 40 anos, cuja motivação única tem sido – Servir!

Servir a Pátria e os concidadãos, a Instituição e os que nela servem, alicerçado num conjunto de valores e de princípios, que de forma consciente e voluntária, interiorizei com a condição de militar.

Queiram estar certos de que, de forma responsável, atenta e com genuíno sentido de missão, tudo farei para merecer a confiança em mim depositada, consciente das elevadas expetativas que são diariamente

depositadas na Guarda Nacional Republicana e, sobretudo, em cada um dos seus militares e civis, em prol da segurança e bem-estar de Portugal e de todos os cidadãos.

A Guarda é uma força de segurança única.

Grande em dimensão.

Enorme na herança histórica, na responsabilidade social e humana e com um largo espectro de atuação.

Comandar uma força de segurança com estas características, é aceitar essa responsabilidade.

Uma responsabilidade que se constitui no privilégio de poder contribuir para os superiores desígnios da liberdade e da segurança de Portugal e dos portugueses. Como 37.^o comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, expresso a minha admiração e profundo respeito pelo trabalho desenvolvido por todos os militares e civis que têm servido na Guarda e que conduziram a Instituição ao nível onde hoje nos encontramos. A Guarda de hoje, é uma Força de Segurança moderna, próxima, de confiança dos cidadãos e reconhecida por cumprir sempre, as suas missões, independentemente das adversidades.

A Guarda de hoje, é uma Força incontornável no quadro da dimensão interna e externa da segurança, distintivamente reconhecida pelo seu lema, “Pela Lei e Pela Grei”.

Ciente da responsabilidade, enquanto comandante de mais de 23.000 mulheres e homens que levam a presença do Estado a uma malha expressiva do Território Nacional e que asseguram o livre exercício dos direitos, liberdades e garantias dos nossos concidadãos, deixo uma mensagem de reconhecimento pelo trabalho que todos desenvolvem diariamente.

A realidade dos nossos dias exige, porém, a permanente capacidade de nos questionarmos sobre as necessidades e as expetativas da comunidade.

O produto operacional da Guarda tem de ser flexível e com capacidade de se adaptar à mudança.

PELA LEI E PELA GREI

O ajustamento tem de ser sereno, mas atento.

O centro de gravidade serão sempre as pessoas e a sociedade, alicerçado num quadro constitucional democrático de valores humanistas e universais que importa acautelar.

O contexto de especial adversidade em que temos vivido é revelador da natureza dos desafios que enfrentamos, que introduzem mudanças abruptas e exigem respostas oportunas, responsáveis e equilibradas.

Importa, por isso, desenvolver a capacidade para antecipar problemas, adaptar formas de organização e modelos de funcionamento, ajustar procedimentos de emprego operacional, estruturas de apoio e órgãos de Comando e Direção.

Na prática, criar condições para, no momento certo, apoiar quem mais precisa de nós.

É esta a resposta que os cidadãos esperam da Guarda. E este continua a ser o nosso compromisso.

Tudo fazer para estar à altura das necessidades, onde e quando for preciso.

A resposta oportuna aos atuais desafios à segurança, exige uma integração de esforços num modelo de atuação genuinamente colaborativo.

O Planeamento Estratégico da Guarda 2025 procura dar resposta aos desafios que nos são colocados.

Estabelece, por isso, cinco grandes orientações estratégicas:

Reforçar a proximidade e a visibilidade – Com foco no cidadão e na Sociedade;

Racionalizar e otimizar recursos – De forma a gerir para alcançar resultados com os recursos disponíveis;

Modernizar e desmaterializar – Para eliminar redundâncias e desperdícios, ganhando tempo e recursos;

Cooperar, colaborar e coordenar – Como pedra angular dos Sistemas da Segurança Nacional;

Potenciar a dimensão institucional da Guarda no quadro da Segurança Interna.

Para tal identifico três dimensões-chave de atuação:

A dimensão organizacional;

A dimensão tecnológica; e,

A dimensão humana e social.

Na dimensão organizacional identifico como desafio a revisão da Lei Orgânica da Guarda e respetivos diplomas complementares.

Alinhar compromissos em prol da melhoria do produto operacional a apresentar ao cidadão, de norte a sul do país, continente e ilhas, das zonas mais urbanas aos locais mais recônditos, onde jovens e idosos carecem de programas de apoio específicos que exigem presença e disponibilidade.

Teremos, necessariamente, de estar atentos e disponíveis para acompanhar as dinâmicas sociais, os fluxos de pessoas e as atividades criminais, tendencialmente diversificadas, complexas e de grande mobilidade, e que potenciam, por vezes, a ocorrência de episódios de delinquência e de criminalidade que se estendem transversalmente dos centros urbanos às zonas rurais limítrofes.

Na dimensão tecnológica reforçar a aposta na inovação, através de instrumentos de apoio à atividade operacional e administrativa, que simplifiquem procedimentos, rentabilizem os recursos humanos e reduzam custos.

Mas também promover uma oportuna e adequada análise de informação, com vista a potenciar o policiamento orientado pelas informações, mitigando problemas e antecipando intervenções musculadas, privilegiando, sempre que possível, uma intervenção pedagógica, ao nível da prevenção e dissuasão.

Na dimensão humana e social continuar a aposta nos Programas Especiais de Prevenção e Policiamento, sem descuidar o policiamento geral, implementando iniciativas dirigidas ao aprofundamento da relação de proximidade e de confiança com as populações.

Para este desígnio, é fundamental desenvolver e consolidar a aposta no modelo de “formação por compe-

tências”, com o foco nos conhecimentos, nas aptidões e atitudes que os militares e civis da Guarda devem adquirir e demonstrar em contexto de aprendizagem e, posteriormente, de serviço ao cidadão.

Modelo que passa também por ultrapassar constrangimentos ao nível dos processos de seleção e recrutamento, avaliação de desempenho, eventual redefinição do sistema retributivo dos militares e definição de objetivos de trabalho (orientados para funções e tarefas específicas), a par de uma consolidação dos processos de gestão e transferência de conhecimento, através de repositórios que acelerem a disseminação do conhecimento e das boas práticas.

Estou convicto que a intervenção nestas três dimensões, organizacional, tecnológica, humana e social, terá impacto relevante no produto operacional da Guarda, promovendo uma Força que ambicionamos cada vez mais Humana, Próxima e de Confiança.

Tais orientações constituem as grandes linhas estratégicas da Guarda, no sentido de melhorar a eficiência interna e potenciar a proximidade ao cidadão, promovendo uma genuína atuação em rede, atenta e comprometida, onde a pró-atividade e iniciativa dos níveis tático e operacional serão incentivadas e valorizadas.

Trata-se de um designio estratégico que se pretende simples, claro e agregador, com ciclos de planeamento diferenciados no tempo e no espaço, por forma a ajustar as respostas às necessidades específicas de cada localidade e região, colaborando e cooperando com todos os parceiros institucionais.

Elejo, por esta razão, como objetivo prioritário, a valorização humana e profissional, desenvolvendo um ambiente de confiança, atento aos anseios e preocupações de todos e cada vez mais preparado para o crescente escrutínio público.

Sei ser um caminho desafiante e exigente, mas estou certo, pela experiência que acumulei nos últimos anos ao serviço desta valorosa Instituição, que as mulheres

e homens que constituem a Guarda estarão à altura de tão nobre missão.

No que respeita à estrutura superior de Comando da Guarda, permitam-me uma referência ao novo paradigma que se aproxima e que teve início em 1991.

Brevemente, num processo de transição sereno e natural, ocorrerá a chegada a Oficial General, dos Oficiais da Guarda Nacional Republicana que iniciaram a sua formação na Academia Militar, há 29 anos.

Ao longo dos últimos 109 anos, Oficiais do Exército têm tido o privilégio de comandar a Guarda Nacional Republicana.

É, com naturalidade, responsabilidade e elevado sentido do dever, que será passado o testemunho àqueles que por direito próprio nos sucederão.

Será, para mim, um privilégio dar início a este processo.

Meus Generais,

Caros Oficiais, Sargentos, Guardas e Civis

Reitero o orgulho e o privilégio em ter sido nomeado comandante de todos os homens e mulheres que servem na Guarda Nacional Republicana, incentivando a que todos, militares, civis e associações, sem exceção e independentemente da categoria profissional, contribuam de forma responsável e comprometida, para uma Guarda que ambicionamos mais forte, mais coesa e igualmente ciente da sua responsabilidade para a sociedade.

Termino, referindo que a Guarda é tradição e é futuro. Deixo uma mensagem de confiança, sustentada na perceção da sociedade em que vivemos e dos desafios que enfrentamos, mas seguro de que, juntos, teremos a capacidade, a determinação e a coragem para encontrar, a cada momento, as respostas necessárias.

Muito obrigado.

O comandante-geral,

Rui Manuel Carlos Clero, tenente-general.»

PELA LEI E PELA GREI

Tomada de Posse no MAI



Receção no CG



PELA LEI E PELA GREI



Cerimónia Militar no CG



A Guarda Nacional Republicana Está de Luto

Na sequência de um trágico acidente na A1, em Santarém, no dia 7 de julho de 2020, faleceram dois militares do Destacamento de Trânsito de Santarém, no cumprimento da missão, zelando pela segurança dos cidadãos:

O guarda Carlos Pereira, de 27 anos, e a cabo Vânia Martins, de 31 anos.

S. Exa. o comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, tenente-general Rui Clero, no seu discurso de tomada de posse, teceu as seguintes palavras:

«Porque a Guarda está de luto, à semelhança do que aconteceu esta manhã, na cerimónia no Ministério da Administração Interna, as minhas primeiras palavras são de consternação e dor.

De consternação e dor em memória de dois dos nossos.

Da cabo Vânia Martins e do guarda Carlos Pereira, que faleceram, vítimas do aparatoso acidente ocorrido na semana passada, e nos deixaram prematuramente.

Manifesto, por isso, o meu apreço às famílias de todos os militares, pelo papel determinante que desempenham diariamente, no apoio e na compreensão de quem jurou, “como português e como militar, guardar e fazer guardar a Constituição e as leis da República (...), mesmo com o sacrifício da própria vida”.

Esta entrega incondicional ao serviço da Pátria, representa o temperamento da Guarda e dos seus militares, que com bravura e lealdade, expressam a dívida suprema do sacrifício da própria vida, em razão da missão.»

Assim, na mesma senda de consternação e dor, e para memória futura, aqui se reproduzem as homilias proferidas por S. Exa. Reverendíssima D. Rui Valério, bispo das Forças Armadas e das Forças de segurança:

HOMILIA NO FUNERAL

Guarda Carlos Pereira

«O dia há muito clareou, o sol brilha nas casas das cidades e aldeias, e resplendece nas árvores e searas de campos inundados pelo calor; o seu fulgor reflete-se nas águas límpidas dos rios e o mundo iluminado pela sua luz parece sorrir e renascer para a vida. Em contraste com estes sussurros vivos está a alma da Guarda Nacional Republicana, que, neste momento, se assemelha a uma paisagem polar, gélida, noturna, solitária, rasgada por uma cratera profunda de dor e saudade que a repentina e inesperada partida do guarda Carlos Pereira abriu. Sentimo-nos invadidos por um sofrimento inquietante, que a privação da sua presença e das suas palavras nos provoca. Mas também a forma como foi chamado a passar do tempo para a eternidade nos remete para o sentido que cada um concede à sua própria vida. Nas palavras de Milan Kundera, “A vida é um livro de páginas em branco oferecido a cada um, para que, cada um, nele escreva e delineie a existência”. O que nos remete para a questão impreterível da natureza da vida e do seu sentido. Se tivéssemos de definir a vida como um poema, à luz do trágico acontecimento que levou o nosso irmão, teríamos de dizer que é um poema sem rima e de frases desconexas. De facto, estar na flor da idade, quando a vida é apenas projeto e não ainda realização acabada, não rima com destino amargo, nem com fim inevitável, nem com sofrimento e, muito menos, com morte. Por isso, não é sem alguma inquietação interior que proferimos as derradeiras palavras de adeus ao nosso irmão. Já sentimos a falta da sua companhia, da sua capacidade organizativa, dos seus planeamentos — sempre assertivos, sempre certos —, da perspicácia das suas observações, como se nos tivesse sido roubada uma significativa parcela da grandeza

da nossa vida. Mas é, sobretudo, a privação da sua presença que nos faz sentir mais pobres, mais vazios, com a sensação de a vida se parecer cada vez mais com um enigma de difícil decifração.

Em todos nós persiste uma estranha sensação de estar perante um paradoxo. Um paradoxo que talvez aclare o nosso olhar, conforte o coração, ilumine o sentido da vida porque esse mesmo paradoxo está envolvido pela luz da esperança e pela força do amor que Deus derrama em nossos corações e que é mais forte do que a morte, que tudo vence, tudo supera, e a tudo confere eternidade.

Toda a opção de servir na Guarda Nacional Republicana está indubitavelmente inspirada pelo sentido do serviço à Pátria e aos portugueses. O peso do valor de ser Guarda pende sempre para o lado do estar ao serviço dos outros. Eles vêm e estão, de facto, sempre em primeiro lugar. Ser Guarda significa literalmente ser-para-os-outros! É por isso que da postura de um Guarda brotam gestos de abnegação, de entrega em prol do bem comum. O lema da GNR *Pela Lei e Pela Grei* é, acima de tudo, um programa de vida, que o nosso irmão Carlos abraçou e ao qual sempre foi fiel e que cumpriu até ao fim. Durante a sua vida, empenhou-se profeticamente em oferecer não apenas os seus serviços, como a correta informação à pessoa em trânsito, ou em promover o bom andamento do tráfego rodoviário ou auxiliar a quem necessitasse..., mas, na sua pessoa, enquanto Guarda, além de cumprir todas essas tarefas em prol dos outros, ele dava-se a si mesmo. Ao jeito de Cristo que fez da existência uma pró-existência, a parábola de vida e a missão do nosso irmão plasmavam-se exatamente nesse mesmo sentido. Por Portugal e pelos portugueses, no cabal cumprimento da sua missão de Guarda derramou o seu sangue, deu a sua vida, entregou o melhor, o mais nobre e precioso de si. Encontramos aqui a essência do herói, a estatura do patriota, a substância

do Guarda a servir a Pátria. Obrigado, Carlos, porque engrandeceste a Guarda e Portugal com a tua bravura, mas também com a tua lealdade e, sobretudo, com a dádiva de ti próprio.

O teu exemplo de Guarda impoluto que a si mesmo se deixava guiar pelo sentido do dever, pelo rigoroso cumprimento da lei, pela lealdade aos superiores e aos camaradas fazia de ti um verdadeiro farol para quem beneficiava da tua ação, fosse quem viajava nas estradas de Portugal ou quem contactava com a tua prestação de Guarda. Ao longo da tua vida, estiveste sempre disposto a irradiar a luz da boa consciência, a difundir o sentido da responsabilidade, a incutir a urgência da moderação porque tu próprio te nutrias dos valores substantivos que guiam a Guarda Nacional Republicana.

Por isso, o teu desempenho não revelava apenas competência no que fazias, nem estabelecia só a necessária ordem no trânsito, nem tão-pouco transmitia apenas o precioso sentimento de segurança. Tu, porque estavas radicado na profundidade da honra, na solidez do cumprimento do dever e ancorado na lealdade de servir Portugal, irradiavas responsabilidade, suscitavas prudência e garantias proteção.

A missão que o nosso irmão abraçou ajudou-o a elaborar um projeto de vida que foi para ele um caminho e uma passagem. O propósito da sua opção profissional levou-o a fazer da sua vida um serviço à Pátria e à Guarda Nacional Republicana. Desde a disponibilidade total que o seu exemplo testemunha, à assunção da responsabilidade de servir no Destacamento de Trânsito da GNR, até à etapa de viver um verdadeiro martírio, o nosso irmão sempre agiu com uma heroica e serena atitude, convicto de que a vida é simplesmente uma passagem.

A ele se aplicam as palavras do poeta “E aqueles que por obras valerosas. / Se vão da lei da morte libertando.” Nele, tais obras assentaram em valores com os





quais construiu o seu perfil de homem e de guarda.

O nosso irmão Carlos Pereira era genuinamente bom e, por isso, grande. Herdeiro da mais elevada e seleta ética que sempre orientou a Guarda Nacional Republicana na incessante busca da promoção da dignidade humana e na salvaguarda da vida, a sua dedicação à Pátria desenvolvia-se em perfeita harmonia com a devoção à sua família particular e à sua família militar da Guarda, ambas do coração.

Encontrávamos na primeira leitura uma verdadeira gramática deste presente do nosso irmão: “Felizes os que de agora em diante morrerem em união com o Senhor! Assim é — diz o Espírito; que descansem dos seus trabalhos, pois as suas obras os acompanham.” Eis uma palavra que se impõe como superação e até correção da mentalidade tão em voga segundo a qual quando se parte para a eternidade nada levamos connosco. Ao invés, afirma a Palavra escutada, vamos acompanhados pelas boas obras praticadas. Essas obras que resistem à morte e que até a fronteira do tempo elas ultrapassam são as obras da solidariedade, da paz, do auxílio, do serviço aos outros. O escritor Camilo Castelo Branco terminava um pequeno opúsculo

que escreveu para ajudar a erguer no Porto um orfanato com as seguintes palavras: “De todas as riquezas que possuímos neste mundo, a única riqueza que levaremos connosco para o outro mundo é o que tivermos dado e partilhado com os outros.” No mesmo sentido, Vladimir Soloviov aplicou ao céu uma imagem bem terrena dizendo que “lá existe uma porta da qual nos temos de aproximar; se, lá de dentro, alguém te reconhecer, será essa pessoa que te abrirá a porta da felicidade eterna. Caro Carlos Pereira, nós todos que estamos aqui temos a certeza de que muitos serão aqueles que ao escutarem a tua voz dirão “mas esta é a voz daquele que me dizia sempre palavras de alento e encorajamento; mas esta é a voz daquele que se interessava por saber como estava a minha saúde; mas eu conheço esta voz pela delicadeza como me transmitia respeito”; também haverá quem reconheça a cadência do teu andar por se recordar das vezes que ao ritmo desse mesmo andar o visitaste doente ou lhe acudiste e socorreste.

No evangelho Jesus dizia: “Na casa de meu Pai há muitas moradas.” Como é bela e sugestiva esta imagem da “casa paterna” que Jesus usa para nos revelar o que é a morada eterna do céu. A experiência ensina que um pai, tal como uma mãe, tem sempre duas casas onde acolhe os filhos. Para além da casa que é morada espacial, há a “casa do seu coração”. Um filho é recebido pelos pais, antes de mais, na morada do coração; só depois é recebido na morada espacial. Jesus, então, está a dizer-nos que o céu, a eternidade não é senão o coração do próprio Deus. Nessa eterna morada do coração é acolhido o nosso irmão Carlos. Acolhido no amor que permanece e prevalece para sempre. O amor é eterno e eternamente vive quem é amado, como o Carlos, pelo Pai misericordioso. Mas como no coração de Deus o Carlos vive eternamente, também no coração de cada um de nós, da nossa memória, da nossa saudade e da nossa

PELA LEI E PELA GREI

amizade ele, para sempre, permanece vivo. Por isso, na fé e esperança ousamos dizer que o nosso irmão parte, mas fica connosco porque nós e ele vivemos em Deus.

Caro Carlos, obrigado por teres perseverado nessa esperança que, antecipando os bens futuros, os torna presentes aqui e agora; uma das expressões privilegiadas dessa esperança é o filho, fruto do teu amor que, daqui a três meses, nascerá. Enquanto seu pai, ele será a materialização da tua fé e da tua esperança.

Assim, permanece em nós a certeza de que a tua vida já não conhece ocaso. Havemos de nos reencontrar nas estradas da eternidade. À Senhora do Carmo dirigimos a prece “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte”. Ámen!»

HOMILIA NO FUNERAL

Cabo Vânia Martins

«Há mais de uma semana que a Guarda Nacional Republicana — que tanta luz tem irradiado e tanto lustre tem oferecido a Portugal — ainda não despiu as vestes do luto. Embora o decorrer dos últimos dias tenha sido, para cada Militar da Guarda, uma verdadeira travessia no deserto da dor, sentem-se agraciados pela bênção da serenidade. E nessa serenidade encontraram o ambiente propício para considerar, à luz da tragédia que atingiu a nossa irmã, a cabo Vânia Martins, e também toda a Corporação, que tais lamentáveis ocorrências não podem, por muito que nos custe e doa, ser vistas como estranhas, contrárias ou até mesmo exteriores à missão própria da GNR.

Como um campo de seara nos revela que cada espiga de trigo é fruto do grão que morreu quando foi lançado à terra, também a GNR contempla, na identidade da sua mística a absoluta prioridade de servir e proteger a Ordem, o Direito, a Justiça, Portugal e os



portugueses até à dádiva da própria vida. Na identidade da Guarda está inscrita a séria e real possibilidade de a assunção do lema *Pela Lei e Pela Grei* conduzir quem por ele orienta a sua existência até à doação de si mesmo, podendo conduzir ao derramamento do próprio sangue. Real possibilidade essa que é assumida por quem abraça a vocação da Guarda Nacional Republicana, diga “sim” ao apelo desta instituição e materialize a sua resposta na total disponibilidade a servir Portugal e os portugueses até ao limite das suas capacidades. Foi esta a parábola de vida da nossa irmã, a cabo Vânia Martins. Foi essa a sua vocação. Ser Guarda, eis o sonho que sempre a guiou e lhe transmitiu alento para enfrentar e vencer dificuldades e ultrapassar obstáculos. Esse sonho foi concretizado numa maravilhosa e prometedora manhã quando, na parada da Escola do Centro de Formação da GNR, em Portalegre, disse o seu sim. E fê-lo com honra, orgulho e gáudio. O seu sorriso testemunhava bem a alegria da sua alma. Alegria por ter na GNR um laboratório de valores que ela assumiu, traduzindo-os em caráter, e que quando aplicados geram uma sociedade assente na justiça, no direito e na liberdade. Ao longo da sua

caminhada que, embora curta, foi fecunda e plenamente vivida, cada ação empreendida era um verdadeiro exercício de autodoação.

Há uma história que reflete este sentido de dádiva heroica da própria vida. Uma árvore, que ao longo da vida fez da oferta de si mesma profissão; ofereceu, em primeiro lugar, a sombra e a proteção para uma criança brincar; depois, ofereceu a robustez dos seus ramos para construir um balouço; mais tarde, à criança que já era jovem-adulto ofereceu também os seus frutos para que saciasse a fome, bem como a sua madeira para a construção de uma casa e também de um barco; por fim, quando a árvore, outrora forte e vigorosa, era apenas uma cepa coberta de musgo e terra, ainda serviu de assento onde um idoso encontrava descanso para as suas fadigas de muitos anos. Revejo nesta história a mística da Guarda e, concretamente, da nossa irmã a cabo Vânia. Deu tudo o que era e deu-se até ao fim.

Neste sentido, há na sua vida uma força que nos leva a sublinhar o carácter heroico da sua ação. Morreu ao serviço da Pátria, enquanto cumpria e fazia cumprir a Lei que é, ao mesmo tempo, fonte de vida e expressão de uma sociedade assente no direito e não no capricho individual. O ato patriótico que a levou à morte ocorreu no cumprimento do dever e materializa o sentido de responsabilidade no exercício da missão da Guarda, ao mesmo tempo que promove a cultura da cidadania.

Fernando Pessoa, esse grande poeta português, escreveu duas quadras sobre a morte e o sentido da existência humana, quando confrontada com tão calamitoso acontecimento. Diz o texto:

“A morte é a curva da estrada.” / “Morrer é só não ser visto.” / “Se escuto, eu te oiço a passada.” / “Existir como eu existo.” / “A terra é feita de céu.” / “A mentira não tem ninho.” / “Nunca ninguém se perdeu.” / “Tudo é verdade e caminho.”

“A morte é a curva da estrada”. É significativo que o poeta não identifique a morte com o fim da estrada, mas apenas com uma “curva”. Enquanto estamos deste lado da estrada, vemos ao longe a curva, mas não nos é dado ver o que está para lá dela. No entanto, há ainda estrada para lá da curva, ainda que a não vejamos. A curva é apenas uma etapa no percurso da vida e não o seu término, porque nenhuma estrada termina numa curva... Também a morte é o momento de passagem no curso da vida. A curva é sempre um lugar de não visão: há realmente um além da curva que não se vê, mas é real como a nossa existência aqui e agora. Essa é também a mensagem central do cristianismo. Deus não nos criou para a não existência, para o nada, para a morte, mas para vivermos plenamente, na abundância do seu amor infinito. O Evangelho apresentava Jesus, cuja simples presença inverte a lógica natural da realidade, abrindo na existência portas e estradas que nos conduzem à plenitude da vida (cf. Lc 7, 11-17).

É certo que o desconhecimento do que está para lá da nossa visão atual provoca em nós alguma apreensão. É natural que assim seja. Nenhuma certeza nos é dada. Só as razões do coração podem garantir ao ser humano que Deus é mais forte do que o nada e que morremos para ele que é a plenitude da vida. O cristianismo oferece-nos a referência a Alguém, Jesus Cristo, que também passou, como acontecerá a cada um de nós, por essa curva da estrada e três dias depois regressou para nos assegurar que a estrada da vida continua, infinitamente superior à vida presente porque se trata de uma vida sem ocaso, que, como água transbordante, brota da fonte inesgotável do amor de Deus (cf. Mc 16,6; Jo 20, 14).

Cara cabo Vânia, a tua passagem pela curva da estrada conduziu-te ao encontro do coração do Pai, onde reencontras a morada da sua misericórdia e és acolhida na ternura do seu abraço infinito.

PELA LEI E PELA GREI

Fernando Pessoa terminava o seu poema dizendo “Nunca ninguém se perdeu.” / “Tudo é verdade e caminho.” O reencontro com o amor misericordioso de Deus é a verdade do ser humano, é o reencontro de cada um com a verdade mais profunda de si mesmo. Assim, a nossa irmã reencontrou-se com a mais radical verdade de si, com o seu ser mais autêntico, com a sua condição de filha amada de Deus. Esta é realmente a condição fundamental da nossa precária existência.

Por isso, Fernando Pessoa remata afirmando que “tudo é caminho.” Só quem experimenta verdadeiramente o amor gratuito do Pai interpreta e vive a vida como um caminho que nos desafia a ser peregrinos do Absoluto e a empreender, cada dia, a marcha para ir ao encontro de Deus. Mas, como foi o caso da nossa irmã, é enquanto somos peregrinos de Deus que vivemos a realidade de nos cruzarmos e encontrarmos com os outros. Ao empreendermos o itinerário para Deus, percorremos todos as estradas da terra e cruzamos todos os lugares recônditos do mundo, cruzando-nos, assim, com todos os irmãos, mesmo com os mais afastados e que vivem nas periferias.

Celebrámos ontem a Memória de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da GNR. Além de nos colocar no caminho que remonta a D. Nuno Álvares Pereira que trouxe de Moura o propósito e a devoção de construir um convento onde Nossa Senhora fosse evocada e celebrada devotamente como mãe e protetora, também nos leva a tomar consciência de que somos herdeiros e parte de uma história muito maior do que nós. E a afirmação da grandeza dessa história não está na contagem do tempo em décadas ou séculos, mas na bravura de atos praticados, na coragem de ações realizadas, na intrepidez de projetos cumpridos. A referência a Nossa Senhora do Carmo é testemunha da capacidade de confiança que pauta toda a

ação da Guarda. Uma confiança assente na certeza da proteção oferecida pelo Alto, pela Santíssima Virgem que socorre cada um como uma Mãe ampara os seus filhos. Não surpreende, pois, que desta confiança acalentada no coração de cada Militar da Guarda floresça e se expanda a enorme confiança que a grei e a Nação ao longo dos tempos têm depositado na sua Guarda Nacional Republicana. Obrigado, Vânia, pelo modo como radicando a tua vida na solidez da graça divina e no inabalável alicerce dos valores da República e da Lei, pelo cumprimento do dever até ao fim, contribuíste decididamente para a confiança do povo português na instituição que serviste até ao fim. A presença de Nossa Senhora do Carmo materializa a sabedoria ecuménica e a perspetiva humanista tão próprias da GNR. De facto, numa altura em que o progresso técnico conquista quase todos os âmbitos da vida humana, o ser humano parece ter sido substituído pela máquina, bem mais eficaz ou eficiente em muitas atividades. Uma das poucas ações humanas que o distinguem da máquina e lhe conferem uma especificidade indubitável é a sua abertura ao transcendente, ao divino. Quando São Nuno de Santa Maria, o nosso conhecido D. Nuno Álvares Pereira, colocou a fé em Deus e a devoção a Nossa Senhora como elementos integrantes dos seus Militares, não estava só a tornar operativa uma visão integral de ser humano (contemplando corpo, espírito, alma; dimensão horizontal e transcendental), estava também a dizer-nos que, sendo a capacidade de se abrir ao transcendente uma prerrogativa especificamente humana, também a defesa e salvaguarda da nação, da lei e da grei serão sempre e em primeiro lugar uma tarefa de seres humanos que, enquanto tal, acreditam em Deus e com Ele têm uma relação única. A devoção a Nossa Senhora orienta-se para a salvaguarda da condição especificamente humana dos que garantem a defesa e segurança da Pátria.



Estamos gratos e reconhecidos à cabo Vânia porque, pela sua fé, vivida e testemunhada, nos recordou como ser Militar da Guarda e ser pessoa é viver absorvido por aquilo que só um ser humano sente, vive e consigo transporta. E a marca indelével da condição de ser uma pessoa, de ser humano, que nos diferencia de todos os outros seres, é a sua

capacidade de relação com a transcendência (ser *capax Dei*, como diziam os Mestres da antiguidade). E a presença de Nossa Senhora do Carmo tem, precisamente, esta relevância.

Deus foi por ti louvado na terra; agora serás por Ele glorificada no céu. Nossa Senhora do Carmo te acompanhe e nos proteja. Obrigado.»

39.º Curso de Formação de Sargentos



No dia 1 de julho de 2020, iniciou-se o 39.º Curso de Formação de Sargentos (CFS) da Guarda Nacional Republicana, com um total de 148 formandos, dos quais 132 das Armas, 14 de Administração Militar e dois de Transmissões Informática e Eletrónica. O Comando da Guarda tem vindo a dar a maior importância a esta formação, bem ciente da função essencial desempenhada pelo Sargento da GNR, ao nível do comando intermédio, detentor de conhecimento e de reconhecida competência, sendo o elemento-chave entre as categorias de Oficiais e de Guardas. Cabe-lhe o enquadramento dos Guardas, o seu acompanhamento direto, a transmissão de

valores e o garante da coesão e a responsabilidade pelo serviço na Unidade elementar da Guarda - o Posto.

Este curso tem a duração de três semestres escolares, prolongando-se até ao dia 15 de outubro de 2021, correspondendo o terceiro semestre a um período de estágio no dispositivo, como furriéis. No final desse estágio, os militares que tiverem aproveitamento, serão promovidos ao posto de segundo-sargento.

O Comando da Guarda deseja os maiores sucessos aos 148 militares que iniciaram uma nova fase na sua carreira.

Tomada de Posse do 2.º Comandante-Geral e Inspetor da Guarda



No dia 24 de julho de 2020, o 2.º comandante-geral e inspetor da Guarda Nacional Republicana, tenente-general Nuno Augusto Teixeira Pires Da Silva, tomou posse numa cerimónia presidida pelo comandante-geral, tenente-general Rui Manuel Carlos Clero, contando ainda com a presença de uma delegação de Oficiais, Sargentos, Guardas, Guardas-Florestais e Funcionários Civis.

Ao longo da sua carreira, o tenente-general Pires Da Silva desempenhou diversos cargos e funções, dos quais se destacam: professor de Tática de Infantaria e chefe da Repartição de Apoio da Direção de Ensino, na Academia Militar; 2.º comandante do 3.º Batalhão de Infantaria Aerotransportada e oficial de operações da Brigada de Reação Rápida; chefe da repartição de pessoal na 3.ª Divisão italiana da *Allied Rapid Reaction Corps*, em Milão; chefe de Estado-Maior e comandante

do 2.º Batalhão de Paraquedistas, tendo, em 2002, comandado o Batalhão Português da *United Nations Mission of Support in East Timor*; comandante do Regimento de Infantaria n.º 13; representante militar da OTAN na União Africana; em 2010, foi colocado no Estado-Maior do Exército, como chefe da Divisão de Planeamento de Forças, tendo em julho de 2013 sido colocado no comando das Forças Terrestres como adjunto do comandante; em 14 de dezembro de 2015, integrou na Guarda Nacional Republicana, assumindo a função de adjunto do comandante operacional; em dezembro de 2017, desempenhou funções como comandante do Comando da Administração e Recursos Internos, e desde novembro de 2018, desempenhava as funções de comandante operacional, funções que cessou para assumir as funções de 2.º comandante-geral e inspetor da Guarda Nacional Republicana.

Tomada de Posse do Comandante Operacional da GNR



Em 24 de julho de 2020, realizou-se a cerimónia de tomada de posse do novo comandante operacional da Guarda Nacional Republicana, tenente-general José Manuel Lopes dos Santos Correia, evento que foi presidido pelo comandante-geral, tenente-general Rui Manuel Carlos Clero, contando ainda com a presença de uma delegação de Oficiais, Sargentos, Guardas, Guardas-Florestais e Funcionários Civis.

Ao longo da sua carreira, o tenente-general Santos Correia desempenhou diversos cargos e funções, nomeadamente como ajudante de campo do ministro da Defesa Nacional; docente no Instituto de Altos Estudos Militares; representante do Exército no Grupo de Trabalho das Informações, na União da Europa Ocidental; diretor-técnico do Projeto 2, do Instituto Superior de Ensino Militar da Cooperação Técnico-Militar com

Angola; assessor de estudos no Instituto da Defesa Nacional; adjunto do general-adjunto do CEMGFA e do chefe de Gabinete do chefe de Estado-Maior-Conjunto, no Estado-Maior-General das Forças Armadas; coordenador da Área de Ensino Específico do Exército, no Instituto de Estudos Superiores Militares; diretor da Direção de Serviços de Pessoal, do Comando do Pessoal do Exército; comandante da Zona Militar dos Açores; auditor de Defesa Nacional e membro da Associação de Auditores de Defesa Nacional, membro do Conselho de Cultura Artilheira e Militar da Revista de Artilharia, e vice-presidente da Comissão Executiva da Revista de Artilharia. Ingressou na GNR em 2104, foi comandante da Unidade de Intervenção entre 2015 e 2019, ano em que desempenhou o cargo de inspetor da Guarda, até à atualidade.

1.º Curso de Biossegurança em Ambiente Lar



A primeira edição do Curso de Biossegurança em Ambiente Lar decorreu entre os dias 23 e 27 de julho de 2020, dirigida a entidades com necessidades de informação sobre ações de higienização e descontaminação.

Este curso teve como principal objetivo melhorar a prevenção e o controlo de infeção nas estruturas

residenciais para idosos e em lares.

A formação teórico-prática teve a participação de oradores das três entidades envolvidas: Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa, Instituto Nacional de Emergência Médica, especialistas da Guarda Nacional Republicana, e Núcleo de Matérias Perigosas da Unidade de Emergência Proteção e Socorro.



Condecoração de Militar da GNR Além-Fronteiras



O sargento-chefe José Moreira foi condecorado com a *Operation Althea Service Medal*, numa cerimónia que decorreu no passado dia 31 de julho, na base militar de Butmir Camp, em Sarajevo, presidida pelo comandante da EUFOR, major-general Reinhard Trischak.

À cerimónia assistiram militares dos 14 países que integram atualmente a missão EUFOR ALTHEA. O sargento-chefe José Moreira encontra-se a desempenhar as funções de *Collation Intel Specialist*, na missão EUFOR ALTHEA da União Europeia, na Bósnia-Herzegovina.



Tomada de Posse do Comandante da Escola da Guarda



Por Despacho de S. Exa. o comandante-geral, foi nomeado para o cargo de comandante da Escola da Guarda, o Exmo. major-general Domingos Luís Dias Pascoal.

Para o efeito, a Guarda Nacional Republicana organizou no dia 11 de agosto de 2020, pelas 15H00, uma cerimónia de tomada de posse na Escola da Guarda, em Queluz, com o brio e o decoro que caracterizam a nossa Instituição.

Na cerimónia presidida por S. Exa. o comandante-geral, tenente-general Rui Clero, estiveram presentes

os representantes de todos os Comandos, Direções e Chefias, assim como alguns militares das respetivas categorias profissionais, e civis da GNR.

Iniciada a cerimónia, foi lida uma síntese curricular do Exmo. major-general Domingos Luís Dias Pascoal, seguida do Despacho de nomeação para comandante da Escola da Guarda.

No evento, S. Exa. o comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, proferiu um breve discurso, tendo a cerimónia terminado com as habituais felicitações.

PELA LEI E PELA GREI



Condecoração do Coronel D. António Santiago da Guarda Civil de Espanha



Por ter cessado as suas funções de oficial de ligação da Guarda Civil espanhola junto da GNR e de conselheiro do Interior da Embaixada de Espanha em Portugal, no dia 1 de setembro de 2020, a Guarda Nacional Republicana organizou, no Quartel do Carmo, uma cerimónia de condecoração do coronel D. António Calzado Santiago, com a Medalha de Serviços Distintos de Segurança Pública, grau ouro.

A cerimónia, presidida por S. Exa. o ministro da Administração Interna, Dr. Eduardo Cabrita, decorreu nos trâmites habituais protocolares e com os hinos nacionais de Portugal e de Espanha, tocados pelo Quarteto de Cordas da GNR.

Após a leitura do currículo do coronel D. António Calzado Santiago e do diploma de concessão da medalha, seguiu-se a sua imposição, momento que cunhou a honra desta visita.

O evento findou com a habitual troca de cumprimentos e contou com a presença de comandantes, inspetores e subinspetores, assessores e coordenadores da Guarda, bem como vários diretores e chefes dos Comandos e Órgãos, e representantes das categorias profissionais de sargentos, guardas, funcionários civis e guardas-florestais, assim como os representantes de ligação da Guarda Civil espanhola.



Cerimónia de Imposição da Medalha de D. Nuno Álvares Pereira ao Capelão-Chefe da GNR, Coronel Agostinho Freitas



Por ter cessado as suas funções na nossa Instituição, em 9 de setembro de 2020, a Guarda Nacional Republicana teve a honra de condecorar o capelão-chefe da GNR, coronel Agostinho Rodrigues Freitas, com a Medalha de D. Nuno Álvares Pereira – Mérito da GNR, 1.^a Classe.

Cumprindo com o protocolo habitual, nesta cerimónia presidida por S. Exa. o comandante-geral da GNR, tenente-general Rui Clero, foi lido o currículo do capelão-chefe e do diploma de concessão da medalha, seguindo-se a sua imposição, momento que marcou o ponto alto do evento.

Na sequência de uma alocução proferida por S. Exa. o comandante-geral da GNR, o Exmo. capelão-chefe coronel Freitas, também proferiu um breve discurso, tendo a cerimónia terminado com a habitual troca de cumprimentos e a assinatura no livro de honra. A ocasião decorreu com o brio e decoro que caracterizam as cerimónias da Guarda, e foi testemunhada por comandantes, diretores e chefes dos Comandos e Órgãos, bem como pelo sargento-mor da Unidade, e representantes das categorias profissionais de sargentos, guardas, guardas-florestais e funcionários civis.

PELA LEI E PELA GREI



Cerimónia de Atribuição do «Prémio Ação de Comando General Farinha Beirão» e do «Prémio Valor, Abnegação e Altruísmo»



«Prémio Ação de Comando General Farinha Beirão»

O «Prémio Ação de Comando General Farinha Beirão» destina-se a galardoar os militares que mais se distinguiram como comandantes de Posto Territorial, durante o último ano, e que prestaram relevantes serviços à sociedade, a favor da paz, segurança e tranquilidade públicas, estimulando simultaneamente todos quantos recebem a honra de velar pelo cumprimento de Lei e pela segurança da Grei.

Este prémio evoca e constitui uma homenagem ao ilustre militar que foi o general Farinha Beirão, comandante-geral da GNR entre 1927 e 1939.

Receberam o «Prémio General Farinha Beirão», o sargento-ajudante de Infantaria n.º 1950460, Luís Miguel Sobral Robles, comandante do Posto Territorial de Odemira, do Comando Territorial de Beja, e o sargento-ajudante de Infantaria n.º 1960524, Rui Alexandre Melo Pimentel, comandante do Posto de Territorial de Ponta Delgada, do Comando Territorial dos Açores.

«Prémio Valor, Abnegação e Altruísmo»

Este prémio tem por finalidade distinguir os feitos e atos de bravura individuais dos militares, nos quais se tenha evidenciado a sua coragem, decisão, audácia, intrepidez e invulgar desprezo pelo perigo e sangue-frio.

Foram galardoados com este prémio, o sargento-ajudante de Cavalaria n.º 1980012, Telmo Paulo Moreira de Almeida Jorge; o cabo-chefe de Infantaria n.º 1930574, Luís Manuel Amaral Almada; o cabo-chefe de Cavalaria n.º 1960665, Miguel José Sousa Dias Belchior; e o guarda de Infantaria n.º 2100306, João Pedro Cortesão Salgado, todos do Comando Territorial de Lisboa.

Receberam o prémio porque, no dia 13 de janeiro de 2020, cerca das 10:00 horas, na localidade de Casal Perdigoto, Olhalvo, impediram que um indivíduo de 35 anos, munido de uma caçadeira, disparasse sobre oito pessoas.

PELA LEI E PELA GREI

Após comunicação que estariam a ocorrer desastros, com recurso a arma de fogo, o sargento-ajudante Jorge, comandante do Posto Territorial da Merceana, através da sua perspicácia e experiência, percebeu a gravidade da situação e deu imediatamente a ordem para todos os militares disponíveis se deslocarem para o local. Ali chegados, depararam-se com um indivíduo empunhando uma caçadeira e, sem ainda saberem que se tratava do suspeito, os militares imediatamente adotaram os procedimentos táticos de abordagem a situações de elevada perigosidade, e deram-lhe indicação para que colocasse a arma no chão. O sujeito, que se encontrava à porta de uma habitação, para além de não acatar a ordem, efetuou um disparo. Devido à força do disparo, a arma caiu ao chão.

Perante tal situação e revelando sangue-frio, decisão, audácia e intrepidez, com invulgar desprezo pelo perigo e com risco da própria vida, o comandante de Posto deu ordem para todos irromperem na direção do indivíduo, tendo assim sido possível manietá-lo antes de o mesmo voltar a apanhar a arma e, consequentemente terminado a ameaça por ele provocada.

Nesse instante, sentindo-se seguras, surgiram do interior da habitação várias pessoas em pânico, e

os militares, perante a possibilidade de existir outro agressor, procederam a uma revista à habitação, tendo encontrado dois idosos com ferimentos de disparos, os quais socorreram, realizando garrotes até à chegada ao local dos meios de socorro.

Na habitação e zona envolvente, foi possível verificar a existência de uma enorme quantidade de cartuchos e marcas de disparos, o que demonstra que, se não fosse a célere e eficaz atuação dos militares, o número e a gravidade das vítimas seria superior.

O suspeito foi apresentado a autoridade judiciária e sujeito a medida de coação de prisão preventiva, depois de indiciado pelo Ministério Público por dois crimes de homicídio qualificado na forma tentada, oito crimes de dano qualificado e um crime de detenção de arma proibida. Este acontecimento foi divulgado nos órgãos de comunicação social regionais e nacionais, bem como se disseminou pelas redes sociais, deixando uma indelével marca em todos aqueles que, servindo na Guarda Nacional Republicana, servem Portugal, fazendo *jus* ao nobre lema «Pela Lei e pela Grei».

O elevado profissionalismo, sentido de missão, coragem, desprezo pelo perigo, elevado espírito de sacrifício e de abnegação em favor de outros, demonstrado





nesta ação, torna-os merecedores do «Prémio Valor, Abnegação e Altruísmo».

Também galardoados com este prémio, foram os guardas de Infantaria n.º 2170100, Henrique Miguel Sim Sim Grilo, e n.º 2170260, Miguel Ângelo Costa Antunes, ambos do Comando Territorial de Faro, porque no dia 07 de março de 2019, no decorrer do serviço de patrulha às ocorrências do Subdestacamento Territorial de Quarteira, após receberem uma comunicação a informar que uma pessoa havia sido levada por uma onda no molhe adjacente à praia Dom José, em Quarteira, e estaria em desespero e risco de se

afogar no mar, se deslocaram de imediato para o local, onde verificaram que efetivamente se encontrava uma pessoa a sensivelmente 70 metros do areal, num mar agitado, e cuja forte corrente marítima estava a provocar um exponencial afastamento do cidadão. Perante a constatação de um eminente afogamento, o espírito audaz de iniciativa e coragem levaram a que os guardas Henrique Grilo e Miguel Antunes prontamente mergulhassem na água, com o objetivo único de efetuar o salvamento, apesar de tal poder tornar-se bastante perigoso e inglório, visto que as condições do mar não estavam propícias para este tipo de resgate.

PELA LEI E PELA GREI



A celeridade da ação desencadeada por estes destemidos militares, no resgate propriamente dito, e o facto de ter sido garantida a assistência a tempo, por parte do Instituto Nacional de Emergência Médica, permitiu salvar a vida de uma pessoa.

O elevado profissionalismo, sentido de missão, coragem, desprezo pelo perigo, elevado espírito de sacrifício e de abnegação em favor de outros, demonstrado nesta ação, torna-os merecedores do «Prémio ao Valor, Abnegação e Altruísmo».



Comando Territorial de Viana do Castelo

Há 100 anos a garantir a segurança dos vianenses

Pelo capitão João Viana



O Comando Territorial da Guarda Nacional Republicana de Viana do Castelo encontra-se instalado no edifício que foi moradia da família Barros Lima, inserido na então denominada Quinta de Monserrate.

Em 1889 esta quinta seria arrematada em hasta pública por D. Françoise Philomène Schmith, D. Zeile Henry e D. Guilhermina Malheiro, que logo de seguida a cederiam às Irmãs Missionárias de S. José de Cluny, para, uma vez adaptada, servir como colégio feminino, com alunas internas e externas, colégio este que se-

ria inaugurado a 19 de março deste mesmo ano.

Com o advento da República, por força de um decreto do Governo Provisório de então, que levaria à extinção de todos os Conventos, Mosteiros, Hospitais e quaisquer Casas Religiosas de todas as Ordens Regulares, a quinta foi adquirida à Comissão Jurisdicional dos Bens das extintas Congregações Religiosas pela Guarda Nacional Republicana. Deste terreno seriam desanexadas várias parcelas.

Embora o registo da Quinta de Monserrate como

PELA LEI E PELA GREI

propriedade da GNR fosse realizado em 1922, a sua posse verificara-se já em princípios de 1919, alojando-se aqui, desde 14 de agosto até 30 de setembro de 1920, a 2.ª Companhia do Batalhão n.º 12.

A partir de outubro desse ano, aquela subunidade passou a designar-se 2.ª Companhia do Batalhão n.º 6, composta pelas Secções de Viana do Castelo e Monção.

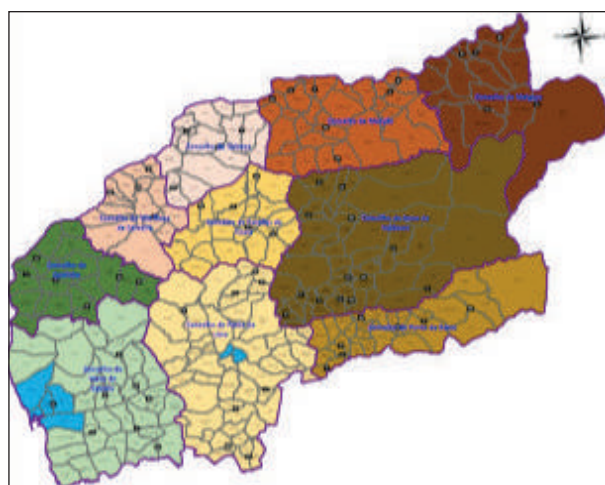
Em 1927 a Companhia foi extinta em consequência do movimento revolucionário de 7 de fevereiro, reinstalando-se no mesmo espaço em 1 de outubro de 1928, data a partir da qual a subunidade tomou a designação de 5.ª Companhia do Batalhão n.º 4 e, mais tarde, a de Grupo Territorial. Esta foi a razão pela qual, o dia 1 de outubro foi assumido como Dia da Unidade.



Em janeiro de 2009, com a reestruturação ocorrida por força da Portaria n.º 1450 de 16 de dezembro de 2008, o Grupo Territorial de Viana do Castelo, da Brigada Territorial n.º 4 deu lugar ao atual Comando Territorial, constituído pelos Destacamentos Territoriais de Viana, Arcos de Valdevez e Valença, pelo Destacamento de Trânsito de Viana e pelo Destacamento de Intervenção.

O distrito de Viana do Castelo pertence à província

tradicional do Minho. Está limitado a norte e leste por Espanha, a sul pelo distrito de Braga e a oeste pelo oceano Atlântico. Tem uma área de 2 221 km² e uma população residente de 244 836 habitantes (Censos 2011), estando atribuída à Guarda Nacional Republicana a responsabilidade pelo policiamento de 2.188

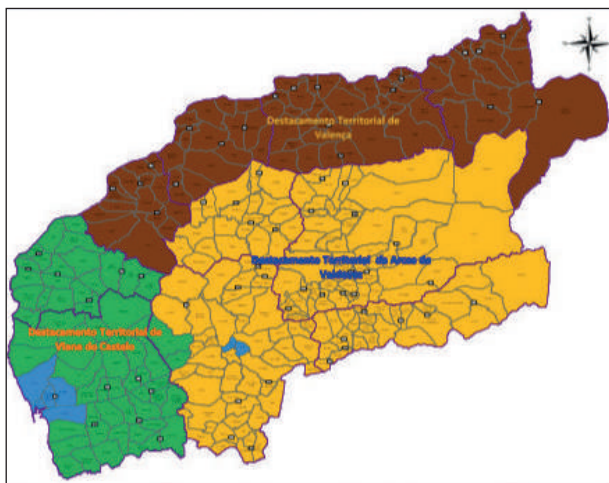


Distrito de Viana do Castelo dividido em Concelhos e Freguesias

km² (98,5%) e o equivalente a 82,9 % (203.035) da totalidade da população residente.

A sede do distrito é a cidade com o mesmo nome. Este, subdivide-se em dez concelhos e 208 freguesias, sendo que destas, 204 são policiadas por militares da Guarda Nacional Republicana.

Para além do Comando da Unidade, sediado na capital de distrito, e dos Comandos dos Destacamentos Territoriais (Viana do Castelo, Arcos de Valdevez e Valença), do Destacamento de Intervenção (Ponte da Barca) e do Destacamento de Trânsito (Viana do Castelo e um Posto de Trânsito em Ponte de Lima) o dispositivo Territorial da Guarda Nacional Republicana está posicionado em todos os concelhos com pelo menos um Posto Territorial, com exceção dos concelhos de Viana do Castelo (três Postos), Ponte de Lima (dois Postos), Monção



Distrito de Viana do Castelo dividido por Destacamentos Territoriais

(dois Postos) e Caminha (dois Postos), totalizando 18 aquartelamentos.

Não obstante a Zona de Ação do Comando ser delimitada territorialmente pelo Distrito de Viana do Castelo, a zona de atuação do Destacamento de Trânsito estende-se até ao nó de Cabeçudos da A3, ZA do CTer de Braga, até ao nó de Estela/Laúndos da A28.

Este CTer também tem à sua responsabilidade um CCPA (Centro de Cooperação Policial e Aduaneiro) sediado em Tui/Espanha – fronteira de Valença, sendo que a Norte (Galiza/Espanha) coopera predominantemente com a Comandância da Guarda Civil de Pontevedra, mas também com a de Ourense. Com esta força policial congénere, também atua sob a forma



CCPA de TUI/ Valença

de parcerias de policiamento conjunto em território espanhol com militares deste Comando, acompanhando militares da Guarda Civil, especialmente na época de veraneio e nas povoações de Baiona – Nigran e Sanxenxo.



Patrulhamento conjunto com a Guarda Civil de Espanha durante o verão

A cidade de Valença, vocacionada especialmente para o comércio, antigo bastião militar da defesa da independência de Portugal, é hoje símbolo das boas relações entre Portugal e Espanha. A Fortaleza e os sabores únicos da gastronomia como o bacalhau, os vinhos e a doçaria são um convite irresistível aos *nuestros hermanos* que nos visitam cada vez com mais frequência, sendo um elemento facilitador a existência de várias pontes internacionais sobre o rio Minho (fronteira natural), Cerveira/Goyan; Valença/Tuy (duas rodoviárias e uma ferroviária); Monção/Salvaterra; Melgaço-Arbo e São Gregório/Puente Barjas, o que implica para a Guarda uma ação cada vez mais concertada de apoio e proximidade.

Os Destacamentos Territoriais

O Destacamento Territorial de Arcos de Valdevez, sediado no concelho de Arcos de Valdevez, compreende uma zona de ação de 1068 km², servindo uma

PELA LEI E PELA GREI

população de 80 895 habitantes (Censos 2011). É constituído por cinco Postos Territoriais, nomeadamente, Arcos de Valdevez, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima e S. Julião de Freixo; integra dois Núcleos, o de Investigação Criminal e o de Proteção Ambiental, e uma Secção de Prevenção Criminal e Policiamento Comunitário.



Patrulhamento na aldeia do Soajo

O Destacamento Territorial de Arcos de Valdevez abrange uma área muito extensa, com 105 freguesias, correspondente aos concelhos de Arcos de Valdevez, Paredes de Coura, Ponte da Barca e grande parte do Concelho de Ponte de Lima.

Inclui uma área bastante montanhosa, o que acarreta uma maior preocupação na época estival, devido ao elevado número de incêndios florestais, em especial no Parque Nacional da Peneda-Gerês, marco inalienável desta zona minhota. Tem alguns polos industriais, com o tecido empresarial a acompanhar a densidade populacional, não muito elevada e bastante dispersa. Em termos de policiamento, apresenta como principais preocupações a violência doméstica e os atritos entre familiares e vizinhos que, por serem relativamente comuns, são merecedores de especial atenção, sem, no entanto, descurar os crimes contra a propriedade e outros crimes contra as pessoas que



Patrulhamento na aldeia de Sistelo

são também uma preocupação permanente.

A população idosa, especialmente vulnerável, devido ao progressivo envelhecimento da população nesta ZA, é alvo de redobrada atenção, mantendo os Postos Territoriais e a SPC um controlo e acompanhamento assíduos.



Patrulhamento junto à Barragem do Lindoso



Ação de SPC com as crianças a usarem as <<minifardas>>

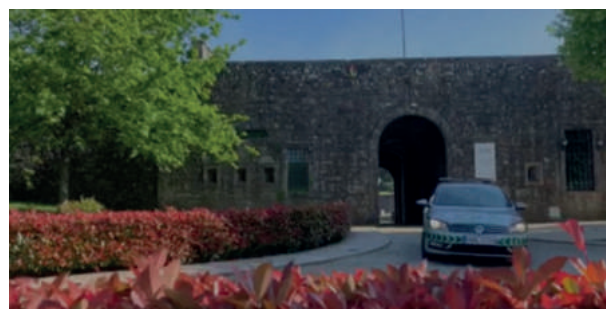
Os mais jovens também não foram esquecidos e, com a implementação de Centros Educativos, foram facilitadas e reforçadas as ações de policiamento e sensibilização.



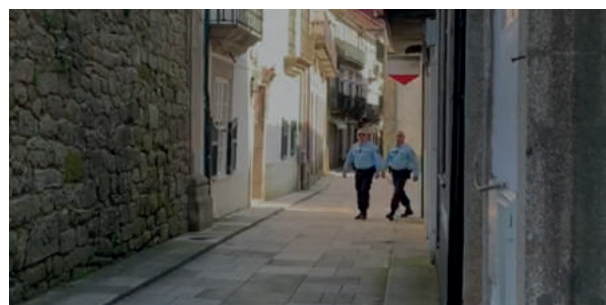
Ação de sensibilização aos idosos isolados por militar da SPC

O Destacamento Territorial de Valença encontra-se sediado na cidade e concelho de Valença, estando dividido em cinco Postos Territoriais: Melgaço, Monção,

Tangil, Valença e Vila Nova de Cerveira e um Centro de Cooperação Policial e Aduaneira, localizado em Tui, Espanha. Possui uma zona de ação (ZA) de 678,43 km², distribuída por quatro concelhos: Melgaço, Monção, Valença e Vila Nova de Cerveira, todos localizados na fronteira norte do distrito de Viana do Castelo e banhados pelo rio Minho, efetuando o policiamento a 51 823 habitantes (Censos de 2011).



Patrulhamento auto e apeedo no interior da Fortaleza de Valença



A sua ZA caracteriza-se pela forte dinâmica transfronteiriça estabelecida entre a população raiana do Alto Minho e da Província da Galiza, que assenta numa herança histórica de relacionamento comercial e cultural entre Portugal e Espanha, materializada com a forte afluência diária de galegos a território nacional por motivos profissionais e de lazer. A economia local assenta no forte intercâmbio entre polos industriais das duas regiões, na gastronomia típica portuguesa e do vinho alvarinho, bem como no turismo, destacando-se como principal património, a Fortaleza de Valença e os Caminhos de Santiago de Compostela, que no

PELA LEI E PELA GREI

ano de 2019, em Valença, registaram a passagem de 88 000 peregrinos.

O Destacamento Territorial de Valença tem uma zona de fronteira que inclui três eurocidades: Valença-Tuy, Monção-Salvaterra e Cerveira-Tomiño, e regista a maior afluência em território nacional, com um volume de tráfego rodoviário diário de mais de 31.000 veículos, que atravessam as cinco pontes internacionais que ligam as duas regiões.



Patrulhamento na fronteira mais a norte de Portugal - Concelho de Melgaço

O Destacamento Territorial de Viana do Castelo, sediado nas instalações do Comando Territorial, encontra-se localizado na cidade e concelho de Viana do Castelo. É limitado a Norte pelo rio Minho, a Este pelos Destacamentos Territoriais de Arcos de Valdevez e Valença, a Sul pelo distrito de Braga e a Oeste pelo oceano Atlântico e abrange cinco Postos Territoriais: Barroselas, Caminha, Lanheses, Viana do Castelo e Vila Praia de Âncora. Este Destacamento realiza a sua atividade de policiamento nos concelhos de Caminha, Ponte de Lima e Viana do Castelo.

O Destacamento Territorial de Viana do Castelo, com-

preende uma zona de ação de 445,45 km², efetuando o policiamento a 69 105 habitantes (Censos 2011). É caracterizado por fortes densidades populacionais, empresariais e funcionais. Situado numa zona balnear de eleição, a sua zona de ação é procurada por milhares de turistas portugueses e estrangeiros, motivando a que, durante o período de verão, a população aumente significativamente, sendo implementadas medidas para responder a esse aumento, nomeadamente a constituição de uma equipa ciclo e efetuando patrulhamento a cavalo, com binómios recebidos em apoio.



Ação da SPC de sensibilização aos idosos isolados



Patrulhamento ciclo e a cavalo na orla costeira

O Destacamento de Trânsito

O Destacamento de Trânsito de Viana do Castelo, também sediado nas instalações do Comando Territorial, é constituído por 64 militares, competindo-lhe a fiscalização e ordenamento da circulação rodoviária nas áreas que lhe são cometidas, nomeadamente as

autoestradas, estradas nacionais e itinerários complementares, ou seja, toda a área de responsabilidade do Comando Territorial de Viana do Castelo, bem como a AE28 e AE3 da área do Distrito de Braga.



Fiscalização na fronteira de Valença

A sua zona de ação engloba cerca de duzentos quilómetros de autoestradas e cerca de quatrocentos quilómetros de estradas nacionais/itinerário complementar, na qual é efetuada a vigilância das estradas, bem como um patrulhamento preventivo e pró-ativo diário, que visa prestar auxílio aos milhares de condutores que todos os dias circulam no distrito de Viana do Castelo e Braga. Além disso, também colabora diretamente para a conservação das vias e das infraestruturas, bem como para a sinalização ao longo dos cerca de seiscentos quilómetros à sua responsabilidade.



Fiscalização do peso a veículos de mercadorias

Em média, o Destacamento de Trânsito regista cerca de 500 acidentes de viação e 2200 auxílios, por ano. Com o objetivo de garantir a segurança rodoviária, a prevenção da sinistralidade rodoviária e a diminuição de acidentes e de vítimas nas estradas, o Destacamento de Trânsito, no âmbito desta exigente missão, para além do patrulhamento ordinário, possui equipas de fiscalização de trânsito constituídas por militares com formação específica e especializada nas diversas matérias, através da utilização dos aparelhos especiais, desde balanças, cinemómetros radar 6F e de perseguição PROVIDA, para controlo de velocidade, e também de viaturas descaracterizadas, para controlo de manobras perigosas.



Fiscalização de velocidade em autoestrada

O Destacamento de Trânsito de Viana do Castelo contempla também, na sua estrutura orgânica, um Posto de Trânsito, sediado nas instalações da Brisa – em Ponte de Lima. Este, por sua vez, é uma subunidade eminentemente operacional, constituída, sobretudo, por equipas de fiscalização. O Posto de Trânsito de

PELA LEI E PELA GREI

Ponte de Lima tem uma zona de ação muito específica que abrange a autoestrada concessionada pela Brisa, a AE 3, tendo como missão principal o patrulhamento, a fiscalização rodoviária e o auxílio aos condutores.

O Destacamento de Intervenção

O **Destacamento de Intervenção**, criado, em finais de 2015, está sediado em Ponte da Barca, nas instalações do Posto Territorial local. Atualmente, conta com um Pelotão de Intervenção com quinze militares e uma Secção Cinotécnica com quatro binómios de guarda-patrolha e dois binómios de deteção de droga. A Secção Cinotécnica tem o seu efetivo instalado em



Viatura do Destacamento de Intervenção em patrulhamento

Viana e Valença, com três binómios em cada local. Enquanto força de 2.º Nível de Emprego Operacional (NEOp), tem como missão geral assegurar um apoio imediato às forças que integram o 1.º NEOp do Comando Territorial.

É uma subunidade de reserva operacional do Comando que, conjugando a sua visibilidade, prontidão de atuação, flexibilidade e complementaridade, permite dar resposta imediata a incidentes inopinados ou pequenas alterações de ordem pública, que pela sua dimensão, ultrapassem a capacidade operacional do patrulhamento afeto ao 1.º NEOp.

A ação ordinária do efetivo do Destacamento de Intervenção, desenvolvida nas zonas de ação dos três Destacamentos Territoriais, reparte-se por três áreas: resposta a pedidos de reforço das restantes subunidades/órgãos e comandos territoriais limítrofes, patrulhamento específico nas zonas e horários sensíveis em apoio ao 1.º NEOp e na formação contínua de atualização e aperfeiçoamento.



Patrulhamento de binómio cinotécnico em zona balnear

O Serviço de Proteção da Natureza e Ambiente do Comando de Viana do Castelo

A evolução da sociedade obrigou a uma maior consciencialização que resultou numa evolução do direito ambiental como direito fundamental, e consequente enriquecimento de vários diplomas legais relacionados com a proteção do ambiente, em que é incrementada a fiscalização que é tida como uma ferramenta de excelência na defesa do ambiente.

Em 2001 foi criado o Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente na Guarda Nacional Republicana (SEPNA/GNR) e, em 2006, após ter sido extinto o Corpo da Guarda Florestal, deu-se a sua integração na GNR com a publicação do Decreto-Lei n.º 22/2006. A Secção SEPNA é constituída pelo Núcleo de Investigação de Crimes e Contraordenações Ambientais (NICCOA), que atualmente investiga os crimes am-

bientais e instrui os processos de contraordenação no âmbito do Sistema Nacional de Defesa da Floresta contra Incêndios, regulado pelo Decreto-lei n.º 124/2006, e pelo Núcleo de Análise e Coordenação Técnica Ambiental (NACTA). Tem ainda, sob a sua dependência técnica, os Núcleos de Proteção Ambiental (NPA) dos Destacamentos Territoriais de Arcos de Valdevez, Valença e de Viana do Castelo.

A estrutura do SEPNA do Comando Territorial de Viana do Castelo tem como principais missões, zelar pelo cumprimento das disposições legais e regulamentares referentes à conservação e proteção da natureza e do meio ambiente, dos recursos hídricos, dos solos e da riqueza cinegética, piscícola, florestal ou outra, previstas na legislação ambiental, bem como investigar e reprimir os respetivos ilícitos.

Por ser um dos distritos com maior número de ocorrências de incêndios rurais, devido à sua vasta área florestal, assegura em Viana do Castelo, a coordenação da atividade de prevenção, vigilância e deteção de incêndios florestais e de outras agressões ao meio ambiente, nos termos definidos superiormente. E apoia o sistema de gestão de informação de incêndios florestais (SGIF), colaborando para a atualização permanente dos dados, independentemente de ser da área territorial da GNR ou da PSP.

O Comando Territorial de Viana do Castelo coopera com entidades públicas e privadas do distrito de Viana do Castelo, no âmbito da prossecução das suas competências, e promove e colabora na execução de ações de formação, sensibilização, informação e educação em matéria ambiental, de conservação da natureza e da biodiversidade no distrito de Viana do Castelo.

A proteção e conservação do património natural, assim como o ordenamento do território, constituem uma preocupação constante e premente, uma vez que se encontram na zona de ação deste Comando,

algumas áreas classificadas que, pela sua riqueza ambiental e pela projeção nacional, requerem uma especial atenção. São disso exemplos, o Parque Nacional Peneda Gerês, em parte inserido nos concelhos de Melgaço, Arcos de Valdevez e Ponte da Barca (NPA DTer Valença e NPA DTer Arcos de Valdevez); a Paisagem Protegida de Corno de Bico (NPA Arcos de Valdevez); as Lagoas de Bertandios, (NPA de Viana do Castelo), e a Bacia Hidrográfica do Minho (NPA de Valença e NPA de Viana do Castelo), zonas que compõem uma vasta área na Rede Natura 2000.



Secção SEPNA em patrulhamento fluvial no rio Minho

Outra atividade muito importante é a agropecuária, pois existe um elevadíssimo número de criadores de gado bovino e cavalar que tradicionalmente os deixam em liberdade, quer nos terrenos dos Baldios, quer nos terrenos florestais privados, o que obriga à intervenção do SEPNA, pois com frequência invadem terrenos dos particulares, causando danos. Por outro lado, não poucas vezes, a GNR é chamada a colaborar na captura e fiscalização de animais errantes que, entretanto, nascem em estado selvagem.

Na ZA do Comando Territorial de Viana do Castelo estão registadas seis alcateias de Lobo Ibérico, apa-

recendo com alguma frequência exemplares mortos, devido a abates ilegais de animais. Por este facto, os NPA colaboram com outras entidades, nomeadamente com o Instituto da Conservação da Natureza e Florestas e com o Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos.



Ação de sensibilização com as crianças no âmbito da DFCI

O distrito de Viana do Castelo é caracterizado por uma vasta área Florestal que confina com um meio rural cada vez mais votado ao abandono ou cuidado por uma população cada vez mais envelhecida, o que contribui para que este distrito tenha um elevado número de incêndios rurais. Esta problemática leva a que se aposte cada vez mais na prevenção, nomeadamente através de ações de sensibilização e de vigilância.

Por ser um Comando que possui uma das mais movimentadas fronteiras do país, há um enorme fluxo de resíduos que, devido à perigosidade para o meio ambiente e devido à consciencialização das entidades, é alvo de um crescente número de ações de fiscalização, nomeadamente com operações conjuntas na fronteira no âmbito dos Movimentos Transfrontei-

riços de Resíduos, onde se congregam os esforços de várias entidades, quer nacionais, quer da vizinha Espanha.

A vertente da Investigação Criminal do Comando de Viana do Castelo

A missão da Guarda desenvolve-se em diversas áreas fundamentais, sendo a Investigação Criminal uma dessas áreas.¹ À Secção de Informações e de Investigação Criminal (SIIC) do Comando Territorial de Viana do Castelo (CTer), no âmbito das suas missões de investigação criminal, compete-lhe, nos termos do n.º 7 do art.º 6.º do Regulamento Geral de Serviço da GNR (RGSGNR), «averiguar a existência de crimes, determinar os seus agentes e descobrir e recolher provas».

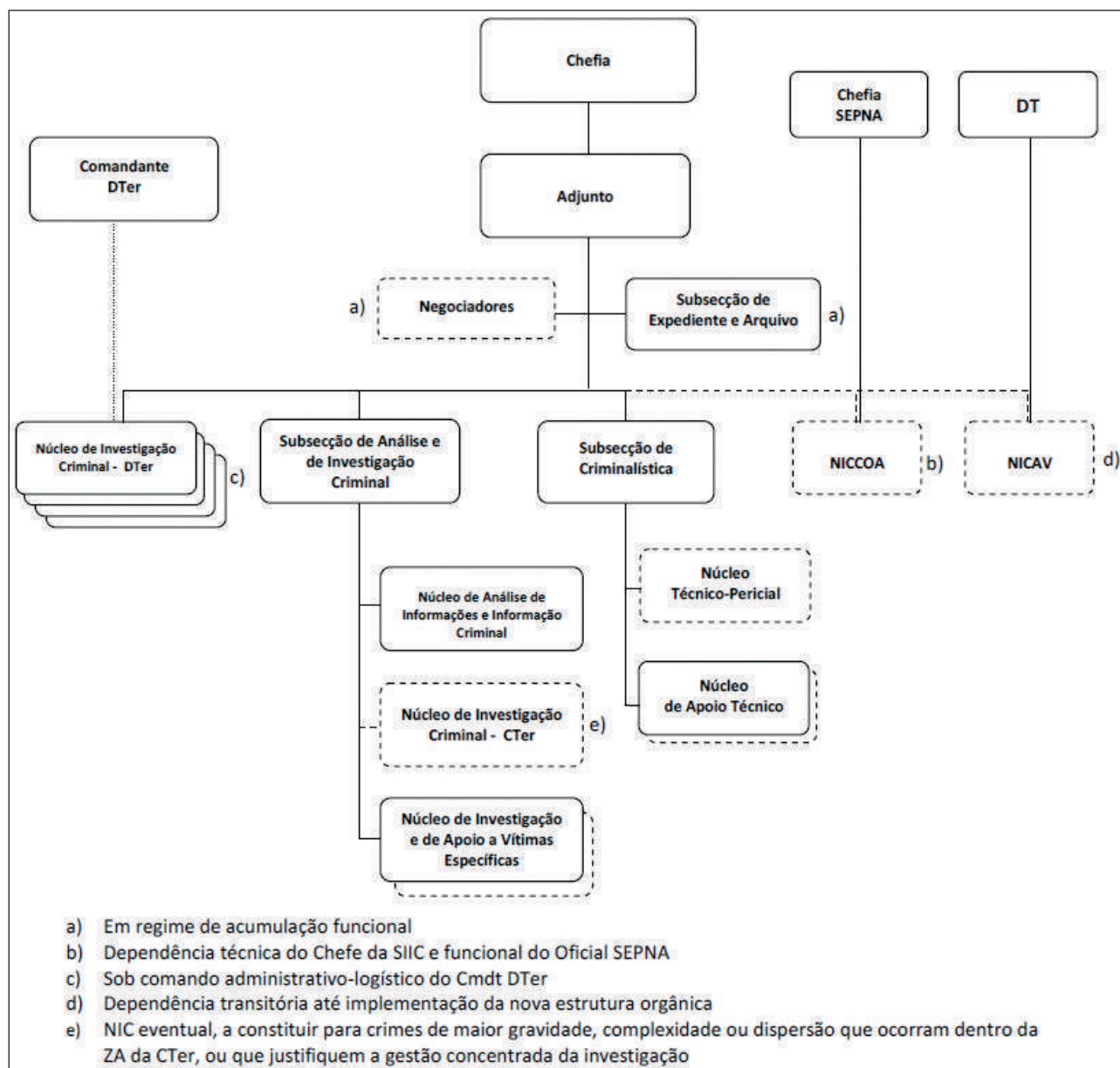
O Comando Territorial de Viana do Castelo, fruto da última reestruturação, devido à nova Lei Orgânica², viu implementada a sua mais recente estrutura de investigação criminal; assim, de acordo com o Despacho 53/09 – OG de 30 dezembro, o CTer Viana do Castelo compreende, dentro da sua orgânica, uma Secção de Informações e Investigação Criminal (SIIC), cuja estrutura se encontra enquadrada através do Despacho 18/14 – OG, de 11 março e o seu quadro Orgânico de Referência aprovado por despacho de 26 de março de 2014³, do Exmo. tenente-general, comandante-geral. Assim, o Comando Territorial de Viana do Castelo compreende uma SIIC do Tipo III.

Segundo o Despacho n.º 18/14 – OG, são competências genéricas da Secção de Informações e Investigação Criminal do CTer tipo III: Levar a efeito atividades de IC operativa, de criminalística, de análise de informação criminal e de negociação, assim como satisfazer os pedidos que lhe forem formulados no âmbito

¹Despacho n.º 10393/2010, RGSGNR

²Lei n.º 63/2007 de 6 de novembro

³Informação 05/CO/14 de 20 de março



Organograma da SIIC do Cter Tipo II/III

das informações e de coadjuvar o comando e promover a coordenação e o controlo de toda a atividade de informações e de IC desenvolvida pela SIIC; Assegurar, no âmbito das suas competências técnicas, a ligação e apoio ao órgão SEPNA de investigação dos crimes ambientais do CTer; Garantir a ligação aos DTer, para efeitos de coordenação do apoio administrativo-logístico necessário aos NIC; Promover a recolha, tratamen-

to, análise e recolha de informações na ZA do CTer; Assegurar, no âmbito das suas competências, a ligação e coordenação com outras entidades; Garantir a segurança das informações e outras que, direta ou indiretamente relacionadas com a investigação criminal lhe sejam cometidas⁴.

O Comando Territorial de Viana do Castelo atualmente tem em funcionamento todos os órgãos atribuídos

⁴ Despacho n.º 18/14-OG

PELA LEI E PELA GREI

em termos da estrutura SIIC, compreendendo negociadores, em regime de acumulação funcional, e duas subsecções:

1. A Subsecção de Análise e Investigação Criminal, constituída por um Núcleo de Análise de Informações e de Informação Criminal (NAIIC); um Núcleo de Apoio Operacional⁵ (NAO) e um Núcleos de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas (NIAVE);
2. A Subsecção de Criminalística, que contempla um Núcleo Digital Forense (NDF); e um Núcleo de Apoio Técnico (NAT).

A SIIC do CTer Viana do Castelo dispõem ainda de três NIC do Tipo III (NIC Arcos de Valdevez; NIC Valença e NIC Viana do Castelo).

No que concerne aos dois órgãos, cuja dependência é meramente técnica, a SIIC do CTer Viana do Castelo conta com um Núcleo de Investigação de Crimes em Acidentes de Viação (NICAV), e com o Núcleo de Investigação de Crimes e de Contraordenações Ambientais (NICCOA), na dependência funcional do Destacamento de Trânsito e da Secção de Protecção da Natureza e Ambiente (SEPNA), respetivamente.

A Estrutura da SIIC do Cter de Viana do Castelo cumpre assim a missão que lhe é atribuída numa área que compreende 10 concelhos (Arcos de Valdevez Arcos de Valdevez, Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Valença, Viana do Castelo e Vila Nova de Cerveira), sendo áreas bastante diversificadas, pois reúne zonas tão distintas como serras, zonas industriais, agrícolas e praias.

Em termos criminais, durante o ano de 2019, no distrito de Viana do Castelo, foram registadas 4876 par-

ticipações criminais (GNR 4387 e PJ 489), tendo a média dos últimos 5 anos sido de 4904 participações criminais.

A estrutura de IC do CTer Viana do Castelo, para o cumprimento da missão, nas suas três vertentes, na ZA do Comando, conta com um total de 50 militares, um Oficial, seis Sargentos e 43 Guardas distribuídos pelo respetivo quadro orgânico de referência.

Em finais da década de 60, começaram a desenvolver-se nas polícias unidades de análise criminal, com responsabilidade de descobrir o *modus operandi* do crime e determinar as relações existentes entre os criminosos conhecidos e os crimes⁶. A GNR acompanha o evoluir da sociedade e das técnicas de combate à criminalidade e compete aos NAIIC: apoiar os investigadores operativos, através da análise e intercorrelação de informações acedidas através dos sistemas de informação ou de estudos de fenómenos criminais; Colaborar na deteção e caracterização, no âmbito da IC, de novos padrões e perfis criminais, devendo os resultados ser enviados à área das informações; Realizar as missões inerentes à área de informações, nomeadamente através de recurso a *Open-Source intelligence* (OSINT); Processar as ordens e/ou pedidos de pesquisa que lhe forem dirigidos; Zelar pela segurança das informações⁷. O Relatório anual de Segurança interna de 2018 define orientações estratégias para 2019, sendo um dos desígnios prevenir e combater a violência doméstica. No Comando Territorial de Viana do Castelo, no âmbito da SIIC, compete ao NIAVE proceder à investigação dos crimes cometidos essencialmente contra as mulheres, as crianças, os idosos e outros grupos de víti-

⁵ O Núcleo de Apoio Operativo desta SIIC seria extinto aquando da criação das Brigadas Territoriais e respectivas SIIC, conforme determina a DOp 01/14 - Orientações para a implementação da estrutura de IC de 14ABR14

⁶ GOTLIEB, Steven, ARENBERG, Sheldon e SINGH, Raj, *Crime Analysis: From First Report to Final Arrest*. Montclair, CA: Alpha Publishing.

⁷ Despacho n.º 18/14 - OG

mas especialmente vulneráveis e prestar o apoio que, para cada caso, for adequado e possível e colaborar com as autoridades judiciais no acompanhamento dos casos mais críticos⁸, procurando sempre melhorar as condições de atendimento às vítimas, quer em espaços, quer num atendimento com melhores padrões de qualidade, sendo exemplo o acompanhamento das vítimas através das fichas de reavaliação de risco.

No acompanhamento da evolução da criminalidade, a Subsecção de Criminalística desempenha um papel de extrema importância, seja através do NAT a quem compete realizar as inspeções judiciais ao local do crime, mas também realizar fotografia e recolha de imagem no âmbito das inspeções judiciais, entre muitas outras atribuições esplanadas no Despacho n.º 18/14 – OG.



NAT: Inspeção judicial

Devido à era digital, foram adicionados novos dados à equação da investigação criminal e da recolha de prova, sendo necessário recorrer cada vez mais à utilização de meios técnicos especiais, nomeadamente a recolha e análise de informação armazenada ou transmitida através de meios digitais. Assim, o NDF está a ser implementado e equipado no intuito de

apoiar a investigação criminal na área digital forense, competindo-lhe colmatar a dificuldade existente no Comando Territorial em termos de utilização de ferramentas *freetools/open source*, destinadas a identificar, adquirir, preservar, analisar e documentar a prova digital. Com a implementação desta valência, a Unidade passa a dispor localmente da capacidade técnica para assegurar o manuseamento imediato de diversas provas em suporte eletrónico, em diferentes níveis processuais, designadamente: medidas cautelares e de polícia; Queixas e Denúncias e durante as investigações.



NIC: Resultado da Investigação

Na vertente operativa da IC, aos NIC/DTer compete essencialmente proceder à investigação de crimes que ocorram na ZA de cada DTer, para os quais a Guarda tenha competência e que não esteja atribuída a outros órgãos⁹, competindo ao investigador utilizar todos os meios ao seu dispor na SIIC do CTer, para cumprir o desígnio da IC que é «averiguar a existência

⁸ *Idem*

⁹ Despacho n.º 18/14 - OG

PELA LEI E PELA GREI

de um crime, determinar os seus agentes e a sua responsabilidade descobrir e recolher as provas, no âmbito do processo»¹⁰.

Atividade operacional

Comparando a criminalidade geral anotada nos últimos dois anos, verifica-se que, em 2018, foram es-
criturados 4876 crimes, registando-se em 2019, um
aumento de aproximadamente 2,5%, sendo que o cri-
me contra o património, pela sua preponderância, é
aquele que mais releva na estatística da Unidade.

Com um efetivo de 596 militares e 142 viaturas (TT,
ligeiros e motos) importará aqui sublinhar as 38.169
ações de patrulhamento realizadas em 2019, no de-
correr das quais foram registadas 599 ocorrências
de incêndio.

No decurso da Operação Verão Seguro, atendendo à
grande e cada vez mais afluência de turistas às praias
desta região, esta Unidade atribui especial importân-
cia ao policiamento da orla costeira, recorrendo a pa-
trulhamento ciclo, com meios humanos e materiais
do próprio CTer, bem como a um patrulhamento a
cavalo, atribuído pelo escalão superior.



Patrulhamento ciclo durante a Operação Verão Seguro

No que diz respeito à sinistralidade rodoviária, com es-
pecial ênfase nas vias de maior circulação de viaturas
(A3, A28, A27 e EN13) registaram-se, durante o ano
de 2019, 2697 acidentes, dos quais resultaram 12
mortos (+33% do que em 2018) e 61 feridos graves
(+36%).

Como dados complementares importará também re-
ferir que se efetivaram 729 detenções, bem como fo-
ram apreendidas cerca de 5,578 kg de substâncias
estupefacientes.

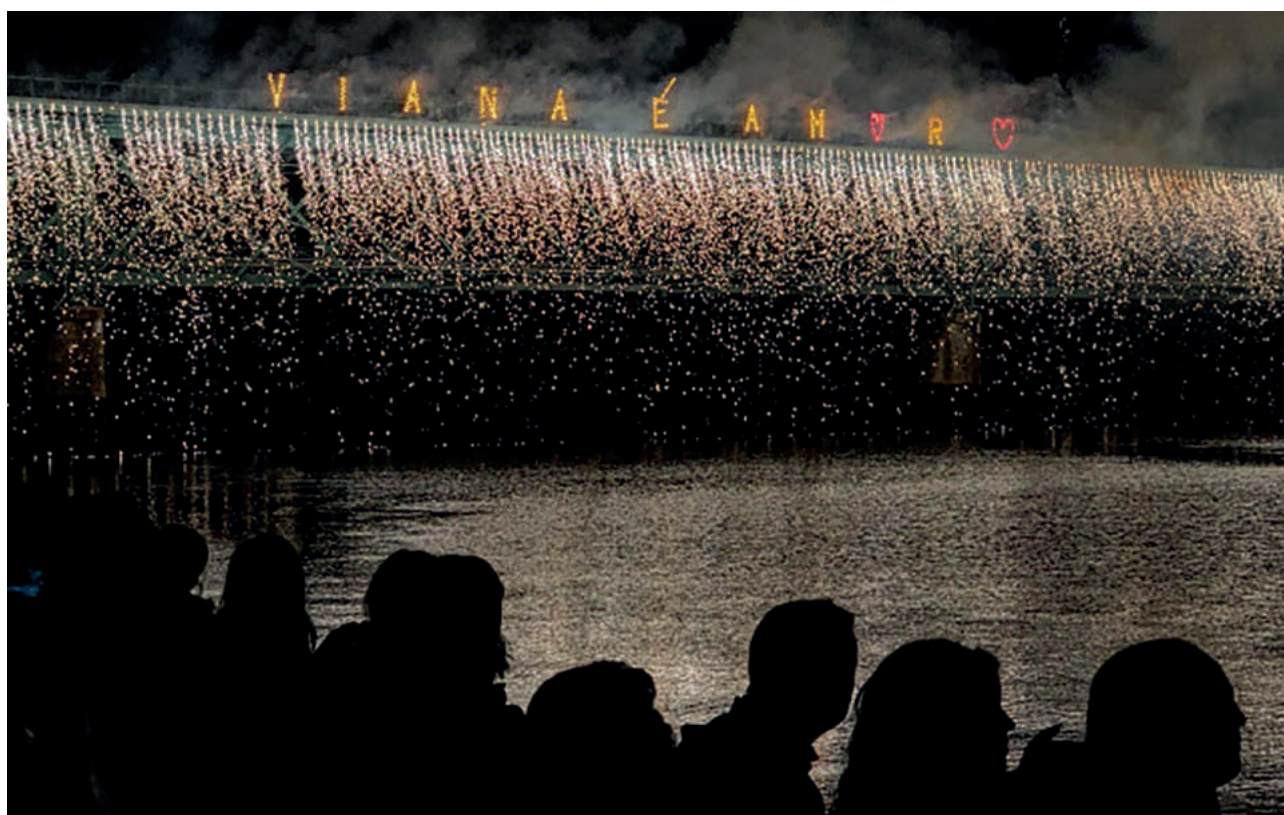


Patrulhamento a cavalo durante a Operação Verão Seguro

Grandes eventos

Desde 1993 até à presente data, o Festival Vodafone
de Paredes de Coura, por normalmente apresentar
programas de boa qualidade e por se realizar num
local com características *sui generis*, arrasta para
aquela localidade milhares de espetadores (dados da
organização apontaram para cerca de 104 000, em
2019), e constitui-se um dos eventos de referência
nesta área. Mercê do seu longo historial, tanto os Ór-
gãos de Comunicação Social da especialidade, como
os generalistas (regionais e nacionais), têm dispen-







GNR a garantir a segurança de milhares de espetadores no Festival Paredes de Coura

sado grande atenção à sua preparação e desenvolvimento, quer através de reportagens/entrevistas nos dias que o antecedem, como através de reportagens em direto durante o seu decurso.

Ainda no que concerne os eventos musicais, destaca-se também o EDP Vilar de Mouros, que se realiza no verão, em Vilar de Mouros, Caminha, e cujas origens remontam à década de 1960, o qual, em 2019, contou com a presença de mais de 30 000 espetadores.

De salientar são também os eventos gastronómicos e romarias, dos que se realçam: a Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço, com uma afluência de 60 000 pessoas; a Feira do Alvarinho de Monção, que decorre nas margens do rio Minho, com uma afluência na edição de 2019 de 90 000 pessoas; a Feira Anual de Todos os Santos, na localidade de Cerdal em Valença, com uma afluência de 70 000 pessoas e que se realiza desde 1758, sendo considerada a última grande romaria do calendário do Noroeste; e a Romaria de São João d'Arga, evento que junta centenas de romeiros, no Mosteiro erguido na Serra D'Arga, Caminha.

A grande afluência de pessoas a um local concreto, do ponto de vista da segurança, constitui sempre motivo de preocupação, quer na vertente da circulação rodoviária, quer na vertente da segurança de pessoas e bens, sendo certo que com grande esforço da parte dos homens e mulheres da Guarda, têm sido satis-

feitas todas as necessidades, e tem este Comando Territorial de Viana do Castelo sido espontaneamente recompensado com palavras elogiosas por parte da organização.

100 anos da GNR em Viana do Castelo

O Comando Territorial de Viana do Castelo comemorou, durante o ano de 2019, os 100 anos da chegada da Guarda Nacional Republicana a Viana do Castelo. Foi precisamente no dia 14 de agosto de 1919, que ocorreu a instalação da 2.ª Companhia do Batalhão n.º 12, tendo como primeiro comandante o capitão Artur da Cunha Azinhais. Pela primeira vez, esta cidade passava a dispor de uma força de segurança, de âmbito nacional, instalada no distrito, a GNR.

Este marco centenário assinala também a conclusão do projeto republicano, de implantação de uma Guarda Nacional em todo o território português. Este projeto foi publicitado no Decreto com força de lei, em 3 de maio de 1911, que criou a GNR, confirmado na primeira Lei da República, em Lei n.º 1 de 3 de julho de 1913. Apenas em agosto de 1919, há 100 anos, com a instalação da Companhia da GNR na cidade de Viana do Castelo, foi concluído o processo em todo o território nacional.

A concretização da implementação de uma Guarda Republicana para todo o território nacional revelou-se um projeto extremamente difícil, oneroso e mais moroso do que o previsto.



Nota n.º 1224, de 15-08-1919, do comando do Batalhão n.º 12 da GNR de Braga, dirigida ao chefe do Estado-Maior da GNR, informando que «se acham instaladas desde ontem em Viana do Castelo as sedes da 2.ª Companhia e Secção desta Guarda na mesma cidade»

A conjuntura nacional e internacional, sobretudo, devido à eclosão da I Guerra Mundial, seria decisiva no abrandamento da instalação da GNR em todo o território nacional.

Ainda hoje é difícil de explicar o facto de Viana do Castelo ter sido a última cidade, capital de distrito, a receber uma Companhia da GNR, apenas 8 anos depois da implantação da República, especialmente porque era do conhecimento geral que os exilados e resistentes monárquicos se refugiaram, maioritariamente, na província espanhola da vizinha Galiza, de onde partiam

as incursões monárquicas, que anualmente faziam perigar a República.

Esta decisão política e policial foi muito contestada, culminando na sequência da sangrenta refrega da primeira revolução pós 5 de outubro, em de 14 de maio de 1915, com a culpabilização do primeiro comandante-geral da GNR, general Ernesto da Encarnação Ribeiro, por ter instalado as Companhias da GNR a partir do Alentejo, num movimento de sul para norte do país, reservando para o final a ocupação dos distritos transmontano e minhoto, não estando ainda



Apresentação pública do programa das comemorações

instaladas aquando da referida revolução de 1915, o que lhe valeu a exoneração do cargo.

Contudo e apesar das críticas, a implantação da GNR no Minho não ocorreu logo de seguida, mas sim 4 anos depois. A este facto não é alheia a conjuntura da Grande Guerra, que fez diminuir efetivos e reduzir os postos da GNR, levando à suspensão da instalação de novos Quarteis da Guarda, salvo raras exceções.

A cidade de Viana do Castelo iria aderir, tal como a quase totalidade das cidades do norte do país, à causa monárquica, após a proclamação da Monarquia do Norte, na cidade do Porto, em 19 de janeiro de 1919, isto é, sete meses antes da instalação da GNR nesta cidade. Também aqui foi hasteada a bandeira nacional azul e branca, ficando sob a tutela da Junta Governativa do Reino, liderada por Paiva Couceiro, até então exilado na Galiza.

A «Monarquia do Norte» ou «Reino do Quarteirão», durou apenas 25 dias, de 19 de janeiro até 13 de fevereiro de 1919, tendo «caído» depois da derrota monárquica na batalha de Monsanto, em Lisboa. Aqui, voltaram-se a destacar as forças da GNR, especialmente três oficiais «Fundadores da República», que juntamente com um dos primeiros comandantes da Secção de Viana do Castelo, o tenente Manuel António Correia, tinham sido determinantes para a ins-

tauração da República e para impedir a restauração monárquica em Portugal.

Tal como a quase totalidade das cidades do norte do país que aderiram à revolta monárquica, Viana do Castelo voltou a erguer a bandeira verde-rubro da República Portuguesa, tendo o Comando da GNR, avançado então na preparação dos efetivos que viriam a ser instalados seis meses depois nos quartéis da GNR nesta cidade e no seu distrito.

Eventos das comemorações do Centenário

Para comemorar os 100 anos da presença da Guarda Nacional Republicana em Viana do Castelo, o Comando Territorial de Viana do Castelo levou a cabo uma série de iniciativas ao longo do ano, que desde logo, contaram com a receptividade e apoio do Comando da Guarda, mas também com a imprescindível colaboração da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Assim, no dia 12 de abril, foi feita uma apresentação pública à imprensa local e à comunidade em geral, de todos os eventos e iniciativas que integraram o programa das comemorações do centenário da presença da Guarda Nacional Republicana na cidade de Viana do Castelo. Nesta apresentação, realizada na Sala Couto Viana, da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, tomaram a palavra o presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo, Eng.^o José Maria Costa, o comandante do Comando Territorial de Viana do Castelo, coronel Agostinho Cruz, e ainda o chefe da Divisão de História e Cultura da Guarda Nacional Republicana, coronel Nuno Andrade, que fez uma contextualização histórica sobre a chegada da GNR a Viana do Castelo.

Exposição de Meios

Já no mês de maio, realizou-se no dia 12, uma exposição de meios e uma demonstração de valências, na Praça da Liberdade, da cidade de Viana do Castelo,

PELA LEI E PELA GREI

onde a população pôde tomar conhecimento de algumas das capacidades operacionais da GNR, em diferentes cenários. Envolveu, também, valências da Unidade de Intervenção, da Unidade de Ação Fiscal e da Unidade de Controlo Costeiro, e dispôs ainda de uma parede de escalada e torre de *slide*, de uma demonstração de binómios cinotécnicos e de cavalos, com a possibilidade dos visitantes, em especial as crianças, experimentarem a escalada e o *slide* e ainda efetuarem um «batismo» a cavalo.



Exposição de meios e valências da GNR, na Praça da Liberdade em Viana do Castelo

Ação Solidária

Ainda no mês de maio, o Comando Territorial de Viana do Castelo realizou, no dia 24, uma ação solidária de recolha de sangue. Esta ação solidária, realizada no



Recolha de sangue nas instalações do Comando Territorial de Viana do Castelo

Quartel do Comando Territorial, em parceria com o Instituto Português de Sangue e Transplantação do Porto, contou com a presença de mais de meia centena de militares, que voluntariamente se quiseram associar a esta iniciativa, fazendo *jus* ao lema «Dar sangue é salvar vidas».

Celebrações de Nossa Senhora do Carmo

Nos dias 15 e 16 de julho, o Comando Territorial de Viana do Castelo participou, pela segunda vez, em tempos contemporâneos, nas cerimónias em Honra de Nossa Senhora do Carmo, em Viana do Castelo, nomeadamente na Procissão e na Eucaristia. As celebrações promovidas pela Ordem dos Carmelitas Descalços e dos Carmelitas Seculares, realçaram o envolvimento da Guarda com a comunidade nesta efeméride tão importante e significativa para a nossa Instituição.

A Procissão Solene que saiu da Igreja do Carmo, passou por diversos locais de culto e atravessou várias artérias da cidade, contando com a participação ativa dos militares do Comando Territorial de Viana do Castelo.

A Eucaristia presidida pelo Sua Ex.^a Rev.^a, o bispo de Viana do Castelo, D. Anacleto Cordeiro Gonçalves Oliveira, na Igreja do Carmo de Viana do Castelo, contou com uma forte presença por parte de militares e ci-



Procissão solene em honra de Nossa Senhora do Carmo

vis, sendo que muitos militares do Comando Territorial de Viana do Castelo voluntariamente participaram na celebração, garantindo a Guarda de Honra ao Altar e a participação nas Leituras e Ofertório Solene, reforçada pela prestimosa colaboração do capelão, tenente-coronel Arménio Gaspar de Almeida, e pelos militares do Terno de Clarins e do Coro, do Comando Territorial do Porto, que enriqueceram e dignificaram a cerimónia.

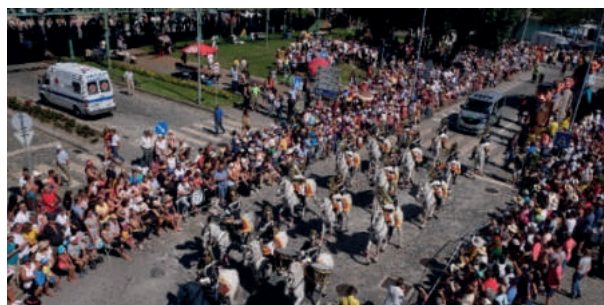
No final da solenidade foi feita a Consagração dos Militares e Civis do Comando Territorial de Viana do Castelo à Nossa Senhora do Carmo pelo Comandante da Unidade.



Eucaristia em honra de Nossa Senhora do Carmo

Charanga a Cavalo nas Festas de Nossa Senhora da Agonia

Em 17 de agosto, a abrir o cortejo histórico-etnográfico da Romaria em Honra de Nossa Senhora da Agonia, esteve a Charanga a Cavalo da Guarda Nacional Republicana. Foi motivo de regozijo e aplausos pelas mais de 50 mil pessoas que assistiram ao seu desfile, causando grande impacto junto da população.



Charanga da GNR, a sair do Comando de Viana do Castelo, em deslocamento para abrir o desfile do cortejo histórico-etnográfico da romaria da Sr.^a da Agonia 2019

Concerto da Banda Sinfónica

No dia 28 de setembro, ainda na área musical, realizou-se a atuação da Banda Sinfónica da GNR, dirigida pelo maestro sargento-mor Armindo Pereira Luís, no Teatro Municipal Sá de Miranda, espaço nobre da cidade de Viana do Castelo, que teve casa cheia com os seus 380 lugares preenchidos, sendo de realçar a elevada procura, levando a que os bilhetes disponíveis ao público tenham esgotado em apenas algumas horas.



Atuação da Banda Sinfónica da GNR no Teatro Sá de Miranda

PELA LEI E PELA GREI



Dia da Unidade

No dia 10 de outubro, realizou-se a Cerimónia Militar Principal comemorativa do décimo primeiro aniversário do Comando Territorial de Viana do Castelo, na Praça da Liberdade da cidade de Viana do Castelo, presidida pelo Exmo. comandante operacional, tenente-general Nuno Augusto Teixeira Pires da Silva, em que foram impostas condecorações e homenageados os militares mortos, terminando com um desfile das forças em parada.



Desfile das Forças em parada

Exposição Histórica

Após a cerimónia militar, foi inaugurada uma exposição que esteve aberta ao público de 10 a 20 de outubro, no centro da cidade, nos Antigos Paços do Concelho, alusiva ao centenário da Guarda Nacional Republicana na Cidade de Viana do Castelo, onde foi retratada a evolução da GNR e recriado um Posto Territorial nos seus primeiros estágios. Com a inauguração da exposição, foi também apresentada a publicação *100 Anos de História da Guarda Nacional Republicana em Viana do Castelo*, elaborada pelo Comando Territorial de Viana do Castelo, com o precioso apoio do coronel Nuno Andrade, e editada pela Câmara Municipal de Viana do Castelo.



Inauguração da exposição histórica



Apresentação da publicação *100 Anos de História da Guarda Nacional Republicana em Viana do Castelo*

Conferência

O programa comemorativo do centenário da GNR em Viana do Castelo encerrou, em 21 de novembro, com a realização, na Sala Couto Viana da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, de uma Conferência subordinada ao tema «O Uso do Fogo na Agricultura: Técnica ou Tradição», desenvolvida em dois painéis («Perspetiva Sociocultural» e «Limites, (novos) desafios e paradigmas»), moderados pela vice-presidente do IPVC, Dra. Ana Paula Vale e pelo antigo comandante-geral da GNR, tenente-general Luís Nélson Ferreira dos Santos, e que contou com a participação de seis ilustres oradores da comunidade científica, académica e operacional, incluindo da Guarda Civil de Espanha.

PELA LEI E PELA GREI



Oradores e moderador do 2.º painel da conferência

Numa sessão muito participada, reuniu-se um fórum de debate com a representação de várias entidades, associações e instituições, em que foi abordado um tema que estava na ordem do dia e que a todos diz respeito.

«Havemos de ir a Viana»¹¹

Não poderíamos terminar este artigo sem falar um pouco da cidade onde está situado o Comando Territorial de Viana do Castelo e que tão bem soube acolher e contribuir para as comemorações dos 100 anos da presença da GNR em Viana.

Viana do Castelo, elevada a cidade em 20 de janeiro de 1848 e conhecida como a princesa do Lima, capital de distrito, conta com uma área que ronda os 319 km² e uma população de 85 445 habitantes (Censos 2011), distribuídos pelas suas 27 freguesias. No centro da Cidade podemos encontrar na Praça da República, um dos locais mais emblemáticos da Cidade, alguns edifícios e monumentos históricos como são exemplo os Antigos Paços do Concelho, construídos no início do século XVI, no estilo gótico, que serviram, em tempos, de cadeia, o mercado de pão e biblioteca, servindo atualmente como local de exposições, como foi o caso da exposição histórica das comemorações

do centenário da presença da GNR nesta Cidade. À sua frente podemos encontrar o Chafariz, obra de João Lopes Velho, datado de 1554, e o Museu do Traje, onde se podem descobrir e conhecer ao pormenor as tradições etnográficas vianenses.



Museu do Traje



Praça da República com os antigos Paços do Concelho ao fundo do lado direito - Foto Rui Carvalho

¹¹ Poema de Pedro Homem de Mello, imortalizado pela fadista Amália Rodrigues

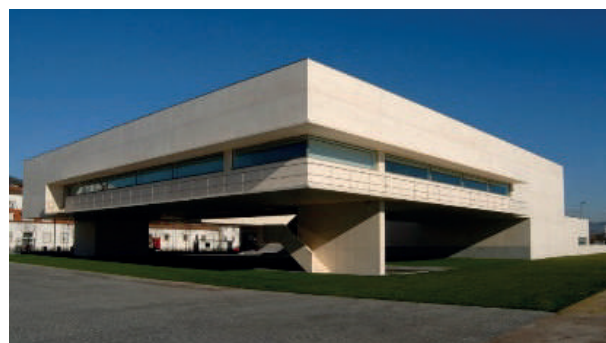
Inserido também na esfera dos monumentos emblemáticos desta Cidade, mas na vertente religiosa, encontra-se a Sé Catedral, monumento majestoso do estilo românico/ gótico do Sec. XV.

Na vertente cultural, destaca-se o Teatro Municipal Sá de Miranda, edifício idealizado por um grupo de personalidades vianenses em 1879, e que foi inaugurado seis anos depois. Este Teatro, verdadeiro *ex-libris* da Cidade de Viana do Castelo, tem acolhido os mais diversos espetáculos de música, ópera, dança, teatro e cinema, incluindo a recente atuação da Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana, em 28 de setembro de 2019, por ocasião das comemorações do centenário da presença da GNR nesta Cidade. Ainda na dimensão cultural, mas de uma época mais recente, temos o Centro Cultural de Viana do Castelo, mais conhecido como Coliseu, obra do arquiteto Eduardo Souto Moura, inaugurado em julho de 2013, e ainda a Biblioteca Municipal, na sua atual localização, com vista para o rio Lima, obra de Álvaro Siza Vieira, que foi inaugurada em 20 de janeiro de 2008, local que em novembro de 2019, na Sala Couto Viana, acolheu a realização da Conferência subordinada ao tema «O



Sé Catedral de Viana do Castelo - Foto Félix Iglésias

Uso do Fogo na Agricultura: Técnica ou Tradição», inserida no âmbito das comemorações do centenário.



Biblioteca Municipal - Foto Arménio Belo

Junto a estes edifícios, encontra-se na doca comercial, o Navio *Gil Eannes*, construído em 1955, que teve como missão apoiar a frota bacalhoeira nos mares da Terra Nova e Gronelândia. Hoje em dia está em exposição pública, tendo inclusive já servido como local para uma reunião dos controlos móveis, entre a GNR e a Guarda Civil de Espanha, levada a cabo por este Comando Territorial de Viana do Castelo, em junho de 2018.



Navio Hospital *Gil Eannes* - Foto CMVC

Nas suas proximidades, encontra-se o Forte de Santiago da Barra, construído para defender a povoação de Viana da Foz, atual Viana do Castelo. Dali pode-se observar o monumento à mulher vianesa, obra de Manuel Rocha, que representa uma mulher a dar as boas-vindas aos visitantes que chegam por mar. E por

PELA LEI E PELA GREI



falar em mar, obrigatoriamente tem de ser mencionada a Capela de Nossa Senhora da Agonia, localizada no Campo da Senhora da Agonia, construída em finais do Séc. XVI, ao estilo barroco. Está a sua Santa associada à devoção dos pescadores de Viana e às célebres festas em sua honra – as Festas da Sr^a. da Agonia – que ocorrem durante o mês de agosto e que no ano de 2019, contaram com a presença da Charanga a Cavalo da GNR na abertura do cortejo histórico-etnográfico. Do outro lado do Forte, olhando para montes mais distantes, reconhece-se mais um *ex-libris* da cidade: o Templo de Santa Luzia. A sua construção começou em 1903 e terminou 40 anos depois. É inspirada na Basílica do Sagrado Coração em Paris, e apresenta os estilos neorromântico, gótico e neobizantino.



Templo de Santa Luzia - Foto Joca Fotógrafos

Devido à sua localização, os visitantes são presenteados com uma vista extraordinária sobre a região, vista essa que pode continuar a ser contemplada, fazendo a descida pelo Elevador de Santa Luzia.

Outro local emblemático da Cidade de Viana do Castelo é a Estação Ferroviária, onde logo à sua frente podemos encontrar a escultura de um casal que representa o folclore Vianense, em que aos seus pés se pode ler: «Hei-de voltar a Viana».



Elevador de Santa Luzia - Foto Joca Fotógrafos



Monumento ao Folclore e Estação de Caminho de Ferro
- Foto Félix Iglésias

Conclusão

Com uma presença secular nesta cidade de Viana do Castelo, a GNR soube sempre adaptar-se e acompanhar a evolução da sociedade, da vivência e das idiosincrasias das gentes do Alto Minho, constituindo a evocação dos 100 Anos num momento único para a reflexão e aprofundamento da identidade, tradições e valores dos militares da GNR nesta cidade, honrando a memória de todos quantos, desde 1919, tanto se sacrificaram à causa da segurança de pessoas e bens, da paz e tranquilidade pública de Viana do Castelo.

Acreditando na prossecução deste legado, os vianenses podem continuar a contar com os militares e civis da Guarda Nacional Republicana neste distrito, que continuarão a manter viva a sua divisa «VIGILÂNCIA ASSÍDUA E FIRME», contribuindo para a consolidação de uma Guarda Humana, Próxima e de Confiança.

Brasão de Armas

A partir de 2010, o Comando Territorial de Viana do Castelo passou a ostentar armas heráldicas próprias,

alusivas a esta cidade, designadamente um coração de filigrana, um castelo, uma nau de três mastros e três velas em que a vela central apresenta dois olhos de cor verde.

Na simbologia deste brasão de armas:

- O VERDE representa o verde Minho;
- O CORAÇÃO DE FILIGRANA identifica a secular tradição do ouro de filigrana, muito apreciado pelas gentes do Alto Minho;
- O CASTELO evoca de modo «falante» a cidade de Viana do Castelo;
- A NAU, representada nas armas municipais, alude às tradições marítimas desta cidade;
- As ARRUELAS ou «OLHOS», aludem a Santa Luzia, padroeira da visão e evocam o monte com o seu nome, sobranceiro à belíssima cidade de Viana do Castelo, representando a permanente vigilância e a presença da Guarda Nacional Republicana;
- Os dois OLHOS aludem ainda à 2.^a Companhia, da GNR, prevista com Comando nessa cidade, pelo decreto com força de lei de 3 de maio de 1911 e que se viria a implementar há precisamente 100 anos.



Angola – Luanda – 95/97

GNR – ONU – UNAVEM III

Pelo tenente-coronel ref. (invalidez)

Luís Gorgueira



Escrevi estas notas, com base nuns apontamentos que tinha... passaram-se já mais de 20 anos (AGO95), que ao serviço da Guarda Nacional Republicana (GNR), e da Organização das Nações Unidas (ONU), ingressei, com alguns camaradas, na Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM)... claro que quem foi comigo, ou foi depois, lembrar-se-á e viu outras coisas, mas esta é a minha história. As fotografias, têm vários objetivos: apresentar, alguns Oficiais que foram, fardas e certos transportes que usávamos. Os nomes de restaurantes e afins, alguns números e curiosidades, são para quem estiver a ler e conhecer, se recordar. O que está escrito, só corresponde a Luanda...

Entre poucos candidatos, Oficiais, voluntários, a GNR, fez uma seleção, para fazer uma equipa, a fim de integrar a *United Angola Verification Mission* (UNAVEM).

Era a terceira (III) missão (Missão) das Nações Unidas (NU, UN), em Angola, e a primeira vez que a GNR integrava, com uma pequena força, uma Missão de Paz ... no passado remoto, a GNR já tinha projetado um Oficial (Of.) (Cor. Cav.^a Paulo Pinheiro), para uma Missão, esta, sob a égide da União da Europa Ocidental, no rio Danúbio... (não sei se havia enquadramento jurídico para estas Missões, mas sei que não havia Seguro). Não há dúvida, que estas duas missões, são a primeira geração das Missões de Paz, em que a GNR esteve envolvida. Seguiram-se outras Forças, algumas constituídas, completas, com Comando, Oficiais, Sargentos e Guardas..., outros países, Timor-Leste, Iraque, Afeganistão, Bósnia-Herzegovina... sob outras Instituições, Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), Força de Gendarmaria Europeia...hoje em dia, a GNR tem um Of. (Cor. Inf.^a Barreto), como assessor do comandante operacional da Polícia do Kosovo, e de um Of. no Departamento de Operações de paz da ONU, em Nova Iorque, (Cor. Inf.^a Bessa)... ao fim destes anos, atingiu-se o topo.

Como era a primeira vez, (depois, até 1999, foram



PELA LEI E PELA GREI

dezenas de Oficiais e Sargentos (ajudantes e chefes), e como lá as coisas «estavam muito bem», no início, houve poucos voluntários (esperar para ver)! Depois de vários testes (saber inglês era fundamental), foram escolhidos, nove capitães (Cap.) e um Major (Maj.) ... já lá estava um Of. da GNR, tenente-coronel (Ten.-Cor.) Costa Pereira, 2.º comandante da Missão, e depois, o nosso chefe («Sénior» – linguagem NU), «o nosso *man inside Mission*», «o nosso homem “dentro” da Missão», como dizia, com especial sentido de humor, um nosso camarada].

Lá fomos de avião TAP. À chegada ao aeroporto de Luanda (muito fraco) de madrugada, por volta das sete da manhã... estava lá o Ten.-Cor. Costa Pereira e militares do Exército à nossa espera (os militares do Exército ajudaram muito). Quando saímos do avião, foi logo uma bafurada de ar quente e húmido, típica desses países, e em contraste com o ar condicionado, frio, das horas anteriores... depois das conversas habituais, fomos para o alojamento... ficámos instalados no Hotel «Invicta» (uma pensão fraca, sem armário e água quente, pelo menos no meu quarto, e mais tarde, fomos para o Quartel General (QG) da ONU, em *jeeps* da ONU e conduzidos pelos próprios (era assim)!

No trajeto só via muita gente, outra «gente», casas e carros velhos, muita sujidade e um cheiro estranho, pobreza, outro mundo...). Na rua, sinais de trânsito que já foram... pouca informação, desorganização... não sabíamos nada de nada.

No QG da ONU, fotografias, bilhetes de identidade, etc., o necessário... já fardados de n.º 2 (farda de passeio e trabalho), não havia outra farda! Mais tarde, mandámos um fax para Portugal, Comando-Geral da GNR, a propor outra farda de trabalho, com o respetivo desenho azul, tipo camuflado, porque de facto, a nossa farda n.º 2 não se adequava ao trabalho, ao clima e ao terreno! Acabou por vir «diferente» do proposto, 2 ou 3 meses depois! Mas veio...

Bom almoço (toalha e guardanapos brancos e bom vinho), boa receção, na Companhia de Transmissões



Euromilhões - Sempre a fazer excêntricos (Kuanzas)

(era portuguesa e estava lá perto)! De tarde, no QG, exame de condução, no *jeep Toyota*, e respetiva licença... aptos.

Descansar no «Hotel». Jantar no restaurante «Veneza», (bife na pedra), 55.000.00 Kuanzas (moeda angolana, (Kz)) e café na esplanada «Avenida».

Este primeiro dia foi uma canseira!

No segundo dia, almoçámos e jantámos no refeitório do QG da UNAVEM. Uma boa messe, dadas as circunstâncias... 6 dólares - 2 ou 3 pratos à escolha, com pão, molhos e saladas... 1 dólar - 2 bebidas, cerveja ou laranjada, ambas de lata, sumo e água grátis. Comida internacional, um pouco enjoativa para o meu gosto, sempre o mesmo cheiro, mas é pessoal, logo, subjetivo (este refeitório era conhecido como o «morte lenta») ...

Café à noite, na Companhia de Transmissões. Os quartéis Portugueses, tropa enquadrada ao serviço da ONU, eram montados no terreno, com tudo (café de máquina, TV, telefone, satélite, alojamentos, etc.), pagava-se em Kz ou dólares. Podia-se guardar e trocar dinheiro. Eram verdadeiros «milagres» de campismo, estes quartéis de campanha (os portugueses esmeram-se), que se iam compondo e decorando à medida

que o tempo passava e que «doía», quando tinham de ser desmontados.

À «noitinha», discoteca «Mega» ... das melhores e com bom ambiente! Muitos estrangeiros e dólares! Onde vem esta gente? Pessoal de Organizações Não-Governamentais, empresas várias, militares, polícias, angolanos ricos, alguns pobres, a tentar passar por meninos/as de bem, etc. ... todos a ajudar Angola a ser um país do primeiro mundo (era a minha opinião) ... (kuduro, kizomba e Semba, músicas habituais, já eram ouvidas e dançadas... anos depois, hoje, melhoradas, mais atrevidas, são êxito!

No terceiro dia (cansadíssimos!), pequeno passeio em Luanda. Parece que o tempo parou. Tudo velho e meio «adormecido». Alguns carros sem faróis, outros só com um, outros ainda só em jantes (agora não é assim)! Também havia bons carros (jeeps, porque eram só buracos)! Passadeiras gastas, que não serviam para nada, porque ninguém as respeitava, estradas com muitos buracos e alguns sinais de trânsito! A regra da prioridade à direita, era a fundamental (às vezes). As crianças, na rua, eram muitas, todas queriam guardar carros...

1 dólar, eram 650 mil Kw, reajustados, ou 650 milhões dos antigos (o câmbio estava sempre mudar)!! Era uma loucura, a quantidade de notas! 1000 Kz era mais ou menos 25 Escudos, agora mais ou menos 5 Cêntimos. Não sei do que é que as pessoas viviam!? Existiam bons restaurantes, mas só com muitos dólares!

Muito polícia nas ruas, mal fardados, exceto uns com fardas boas e limpas, assim como bom armamento, em locais estratégicos, sempre parados, em posição «de descansar, de militar Comando», sem mexer, e com ar de mau, uma espécie de elite (a UNITA dizia que era tropa especial vestida de polícia, uma reserva do governo)! Meio polícia, meio tropa, mas especial! Acho que lhes chamavam «ninjas» e pertenciam à

Polícia de Intervenção, antimotim, (que mais tarde é aquartelada, exigência da UNITA, e controlada pela UNAVEMIII). Existiam muitos boatos acerca deles! O que é facto é que ali nas redondezas, não havia problemas! Bons edifícios e boas lojas, sempre com segurança, pública ou privada (a segurança privada era um negócio em crescendo)! Não era conveniente tirar fotos!

A nossa malta, apesar de um pouco ansiosa, estava com bom moral e sentido de humor.

Exame de inglês, novamente, (dois escritos e um oral) ..., vacina contra o tifo e comprimidos para a malária...

No Domingo de manhã seguinte, piscina no QG (que surpresa e que luxo! (O primeiro milho é dos parais! O pior veio depois, que aqui não conto!) O QG tinha ótimas condições... quando saímos de Luanda e do QG, estranhámos bastante, mas rapidamente adaptados.

A ONU, durante a nossa estada inicial, com sorte para nós, organizou uma conferência/congresso/seminário / Programme Training, no Hotel «Meridien», sobre pessoal, informações, operações, as-



Alguns meios (incluindo o manequim)

suntos civis e militares, minas, organização e missão, conhecer Angola, reuniões e exposições, das OB às 12 e das 14 às 16). Tivemos de assistir (foi bom,

PELA LEI E PELA GREI

porque ficámos a saber o funcionamento da UNAVEMIII, o que atrasou a nossa partida para a «área de operações», «frente de combate!» (que chatice!) Tudo em inglês, (língua da Missão - inglês da ONU) ... diferentes maneiras de «falar inglês», diferentes sotaques destes países todos: Austrália, Índia, Zaire, Zimbabué, Suécia, Rússia, África do Sul, Brasil, Uruguai, Bangladeshe, Holanda, Jordânia, eu sei lá... Civis, Polícias e Militares...

Resumindo, a Orgânica e Missão da UNAVEM III era: QG em Luanda, Quartel Regional (QR) em algumas cidades maiores e Team Sites (equipas de observação, Observadores, TS), em algumas pequenas cidades, vilas e aldeias... militares e polícias de várias nacionalidades, sem arma!

Missão: tentar juntar a Polícia Nacional de Angola e as FAA (Forças Armadas Angolanas nacionais, antes FAPLA), e governo, no seu todo, do presidente José Eduardo dos Santos às FALA (Forças Armadas para a Libertação de Angola, supostamente rebeldes), da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) do Dr. Jonas Savimbi, que vinham duma guerra, após eleições, e eram incompatíveis. Havia polícias civis e militares das NU e de Angola, que trabalhavam nas áreas respetivas, e nós, GNR, que somos uma mistura de militares e polícias (dependia do que interessava), e falamos português (pau para todo o serviço)!

- Todas as secções, gabinetes e quartos, eram em contentores transformados para o efeito, grandes e pequenos. Também havia, pequenos edificios e vivendas (poucas e para os chefes... funcionavam como «Casas», das várias nacionalidades), pré-fabricadas, mas boas. Tudo com ar condicionado, que faz muito calor e humidade. Também havia tendas de campanha;

- Tinha messe, bar, clínica, central telefónica, parabólicas, oficinas, uma espécie de barbeiro, bomba de gasolina, campo de basquete e piscina, supermercado,

etc. É uma pequena aldeia.

- A cerca de 4 km, havia um armazém (logística), onde levantámos colete à prova de balas e capacete de combate (nunca se sabe), mosquiteiro, saco-cama, barrete, boina, lenço de pescoço das NU (para cerimónias) e emblemas vários.

- Existiam carros para uso pessoal (nem sempre... é muita gente). De referir, que as viagens e investigações ou outro serviço, eram feitas de carros ligeiros, jeeps, camiões, helicópteros e aviões pequenos e grandes, que trabalhavam para a Missão, pintados de branco e com as letras UN ou NU.

- Trabalhar durante a semana, domingo, descanso... acumular dias para ir de férias, é assim a ONU...

Para acabar o mês, não fizemos nada e recebemos a informação da nossa colocação, o que é muito! Eu

- TS Malange (muita mina), o Cap. Silvestre Machado (agora, civil) - QR Uíge (vamos ver), o Cap. Saldanha Martins - TS Dundo, Saurimo (tendas?), o Cap. Garrido Gomes - TS Xangongo, Cunene (como?), o Cap. Paulo Ferreira - QR Cuíto (só conheço o nome), o Cap. Pimenta /investigação - QG Luanda (alguma sorte), o Cap. Eduardo Fernandes - TS Cafunfo (onde?), o Cap. Costa - QR Huambo (muita destruição), o Cap. Faustino - QR Luena (longe), e finalmente, o Maj. Matias - adjunto de Oficial de Ligação, QG Luanda (nada mau) - vai começar...



Alguns dos «magníficos» Alguns espaços e vida, do QG, Ada UNAVEM III